PARA TODOS...

COMPLETO

ANNO X NUM. 508
8 SETEMBRO 1928
PREÇO 1.000

SEU campo de actividade não são as clinicas luxuosas nem as salas solemnes de cirurgia; a sua acção e nos lares. Diariamente visita-os, distribuindo consolo e allivio, com a solicitude de um verdadeiro pae.

Quando se trata de dôres de cabeça, de dentes, de ouvido, nevralgias etc., elle receita, invariavelmente,

CAFIASPIRINA

sabendo que esse remedio não só dá allivio rapido e restaura as forças deprimidas pela dôr, como jamais põe em perigo a saude dos clientes, porque a **Cafiaspirina** não affecta o coração nem os rins.

E o Dr. Pedro Calvo está sempre repetindo com um benevolo sorriso por baixo do seu bigode grisalho: "á meia noite é que apparecem as bruxas e as dôres. Ora, á meia noite as pharmacias estão fechadas; por isso é preciso ter sempre em casa agua benta contra as bruxas e **Cafiaspirina** contra as dôres."

CAFIASPIRINA é o analgesico do lar. Os medicos a receitam com enthusiasmo e todo o mundo a toma com absoluta confiança, para as dôres de cabeça, dentes e ouvidos; as nevralgias, as consequencias de noitadas, de excessos alcoolicos, etc.

Na proxima vez Stellinha lhes apresentará o carinho de sua vida, o "amor de seus amores"—a sua Bubá. E' a mais humilde, porém, a mais encantadora da casa. Não deixem de conhecel-a!

Para todos...

(Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho")

Directores: Alvaro Moreyra e J. Carlos — Director-Gerente: Antonio A. de Souza e Silva

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000 — Estrangeiro: 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. TODA A CORRESPONDENCIA como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte, 5818; Annuncios: Norte, 6131; Officinas: Villa, 6247.

Succursal em São Paulo dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27, 8º andar. Salas 86 e 87.

■ ■ ■ ■ ■

DESAPONTAMENTO

O grande quarto de toilette de Clara estava em desordem. A um canto, entre sapatos virados e sobre roupas sujas, dormia um bello gato angorá; pouco mais adeante, em cima duma cadeira, jaziam amontoados ricos vestidos que ella tirára do logar afim de escolher o que lhe assentava mais e, indecisa, levára meia hora sem saber qual vestir.

Recostada num divan no meio dessa desordem, ella passava esmalte nas unhas, quando a filha entrou no quarto. Beijou-a, e esta, mirando-se no espelho, perguntou-lhe:

— A senhora acha meu vestido bem assentado ?

A mãe contemplou-a demoradamente:

— Acho-o muito bem feito, mas está um pouco comprido, deves mandar encurtal-o.

Ainda moça e bella, com trinta e quatro annos, Clara era muito mais bonita e attrahente do que a filha, que contava metade da sua idade.

Era viuva dum velho ciumento e máo que a fizera padecer horrores. Vendo-se livre e ainda joven, ella sentiu uma grande vontade de amar e ser amada por um companheiro delicado que a fizesse esquecer as tristezas passadas, e resolveu procurar marido.

Nesse dia Clara vestira-se com esmero porque um rico e amavel advogado, com quem desejava casar-se, iria jantar com ella.

A filha tambem gostava do rapaz e enfeitára-se bastante afim de procurar conquistal-o.

Ellas ainda estavam no quarto retocando a toilette, quando Marilia, uma mocinha que fôra enjeitada com um mez de nascida em casa de Clara, foi avisar que o advogado chegára.

Alegres e delicadas, ellas fizeram mil gentilezas ao rapaz.

Depois do jantar elle disse á viuva que precisava falar-lhe em particular.

Ella pensou logo que ia ouvir uma declaração de amor e, radiante de alegria, mandou a filha retirar-se.

A moça, por sua vez, imaginou que ia ser pedida em casamento e foi para o seu quarto afim de, pelo buraco da fechadura duma porta que o communicava com a sala de visitas onde a mãe estava com o advogado, escutar o que elles conversavam.

O rapaz botou fóra o cigarro que estava fumando e falou á viuva:

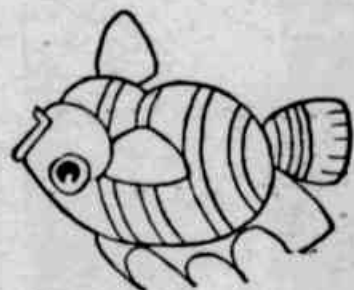
— A senhora vae ficar surpresa com o que lhe vou pedir. Amo Marilia e sendo correspondido peço-lh'a em casamento.

Emquanto a filha tendo ouvido estas palavras, chorava de despeito, Clara, desapontada, respondeu-lhe:

— Consinto que a despose, mas estou admirada do senhor sendo um homem formado e rico querer casar com uma rapariga ignorante que trato como se fosse minha empregada e que por muito favor deixo comer á mesa commigo.

Mezes depois a enjeitadinha que não conhecia os paes e nunca recebera carinhos, era a esposa amimada do advogado.

B E A T R I Z
A M A R A L

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

(Esta revista contém 60 paginas)

DUMA NOVELLA QUE ESTA' SENDO ESCRIPTA

(Trecho)

Mione...

Um nome que a gente ouviu,
Não sabe aonde.
Num baile, num bonde, numa praia.
Nome que lembra uma menina ingenua, de quinze annos, com dois olhinhos negros, pequenos, muito vivos, escondidos num rostinho côr de tijolo.

Mione...

Um nome que a gente se lembra.
Ah! sim.
Foi num livro de contos. Uma princezinha triste.
A princezinha Mione.

Mas não.
Minha Mione não é princeza, nem está em livro de contos.
Não.
E' uma menina que vende flores,
Rosas, Cravos, Margaridas, Saudades...
Desde oito horas da manhã até seis da tarde ella está no seu pequeno reinado, entre suas amigas confidentes.

Ninguem gosta della.
Só eu.
E voces não sabem por que.
E' porque Mione já amou.
E é isto que eu vou contar.
O amôr da princezinha Mione.
A menina que vendia flores.

Mione...

Mario Lago

ENCANTAMENTO

Sei que te amo, porque tudo me diz
Que tu és feita de felicidade...
E sei que tu és toda suavidade
E sei que sou feliz e que és feliz...

Si tudo para nós é amenidade
Que nos importa aquelle que maldiz
Si todo o nosso amor é tão feliz
E tão feliz nossa intranquillidade...

Amo-te porque tu não és somente
Uma mulher das outras differente
Uma pequena mulhersinha, emfim.

Tu és para maior felicidade
Minha propria sentimentalidade
Porque tu foste feita para mim...

Paulo Malta Filho

Recife — Julho — 1928 —

■ ■ ■

NO CINEMA DO NOSSO BAIRRO...

Noite fria, chuvosa e triste...
Só o cinema nos podia livrar da melancolia...

Lá dentro, havia poucas cadeiras.
Por coincidencia, sentamo-nos ao lado dumas meninas, melindrosas todas cheias de "não-me-toques"

A campainha soava pela terceira vez,
dando o signal do inicio da sessão.

Lá fóra continuava a chover...

O film era cheio de paixões e ciladas,
intrigas e corações ardentes...

As meninas estavam impressionadas
e começaram a impressionar-nos...

Ouve-se a voz do fiscal: Oigam mozos, no hagan ruido...
Calamo-nos...

Uma dellas, em voz alta antecedia os factos
que se desenrolavam no film...
E o hespanhol não lhe chamava a attenção...

Ficámos aborrecidos com essa protecção
e começámos a repetir a barulhada...

Custou-nos a sahida forçada...

Estava a chover ainda.
Arrependemo-nos de nosso arrebatamento
e não houve remedio senão o de voltarmos para casa...

Munhoz, Rogerio, Oliveira

QUEREIS MELHORAR?

"A educação que não revela o segredo da influencia magnetica não é completa. — DAVID STARR JORDAN, director da Universidade norte-americana de Leland Stanford".

Não tendes já notado em certas pessoas, parecendo inferiores, alcançam todas as satisfações possiveis, quando outras, superiores em intelligencia, são, apezar dos seus esforços e da sua perseverança, obrigadas a vegetarem durante toda existencia? Nunca sentistes de improvizo por alguem uma viva sympathia, sendo feliz em agradar-lhe, sem que nada vos ofereçam em compensação? Não tendes aversão por outros que procuram agradar-vos e aos quaes nada ha que censurar? Por que uns são bem succedidos e outros não?... Assim como os efeitos electricos aparecem sempre que se empregam as fórmas materiaes adequadas á producção d'esses efeitos, assim por meio do ambiente magnetico da Natureza, visto este ser o arcabouço de tudo que acontece, qualquer pessoa pode fazer realizar facilmente seus dezejos razoaveis, como o de conseguir emprego, cazamento, fidelidade ou concordia, — felicidade em negocios, loterias, questões e cobranças, — cura de vicios, doenças, maleficios ou obcessões, — descoberta de thezouros ou minas. Tudo está explicado ou ensinado nos cinco LIVROS DAS INFLUENCIAS MARAVILHOZAS seguintes: HYPNOTISMO AFORTUNANTE, MAGNETISMO UTILITARIO, OCCULTISMO PRATICO, MEDICINA MODERNA e SCIENCIAS SECRETAS. Estes livros tratam cada qual de uma especialidade, e podem ser comprados por junto ou separadamente á escolha do freguez. Cada um custa DEZ MIL RÉIS, quando brochura, — ou DOZE MIL RÉIS, quando encadernado. Os cinco livros por junto não têm desconto; mas, em compensação, o comprador da collecção receberá gratis um diploma do INSTITUTO ELECTRICO E MAGNETICO. Collecção dos cinco livros, brochados: CINCOENTA MIL RÉIS; Encadernados: SESSENTA MIL RÉIS. São os melhores que existem.

Remettem-se em registrado no correio para qualquer parte do Brasil, a todos que, com o pedido, enviarem a respectiva importancia em vale postal ou pelo registro chamado VALOR DECLARADO (não confundir com o registro simples), a

Instituto Electrico e Magnetico, com o endereço: Caixa 1734, Capital Federal

QUER GANHAR SEMPRE NA LOTERIA?

A Astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA e FELICIDADE. Guiando-me pela data do nascimento de cada pessoa, descobrirei o modo seguro que, com minhas experiencias, todos podem ganhar na loteria, sem perder uma só vez..

Milhares de attestados provam as minhas palavras. Mande seu endereço e 300 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA". Remetta este aviso — Endereço Sr. Prof. P. Tong. Calle, Pozos 1369, Buenos Aires — Republica Argentina. — Cite esta Revista.

HYGIENE

Em noite estrellada,
E em dia de sol;
Mata-se barata
Com o BARATOL.

Lata 1$000

Leiam o Tico-Tico

RADIOSA

Para Abigail

Tudo em ti, para mim, encanto encerra,
E' grande, tem bem luz, tem esplendor...
No teu olhar menos um sonho erra,
Num sorrir fazes ver um céo de amor...

Tua voz harmonias mil descerra,
Num gesto dizes tudo com fulgor.
Rebrilham em ti, como na primavera,
A belleza da luz, do som, da cor...

Ao ver-te tudo em mim é alegria
Porque teu sêr encerra uma magia.
Teu nome é doce como uma oração !

E na vida tu vaes risonha e calma
Vagando docemente na minh'alma,
Andando leve no meu coração !

OLIVEIRA MELLO.

Maceió.

■ ■ ■

GENTE RUIM

Você está crescida, menina.
Já não é aquella garotinha de hontem, não.

Naquelle tempo você era mais bonita,
com aquelles cabellos tão bonitos...
E' mesmo: onde está o seu cabello ?
Sumiu ? !...

Ah ! é por isso que eu não gosto dos barbeiros, não.
Porque ficam com os cabellos das meninas,
sem saber que nelles vae muito sonho,
muita esperança da gente.

Azevedo Corrêa Filho.

(Do "Samburá").

■ ■ ■

AS USINAS DO RASGÃO

Faz 12 dias e 12 noites que a Light está transportando

peças enormes, machinarios enormes, enormes turbinas,
para assentar as usinas do Rasgão em Pirapóra...

Os caminhões formidaveis, que carregam milhões de to- [neladas,
vão deixando sulcos fundos nos caminhos dos caipiras...

Abriram um valado colossal no seio da montanha
(dahi é que vem o nome de Rasgão)
e esse vae ser o leito novo provisorio do rio velho...

Ha dois mil operarios trabalhando na represa...
Improvisaram tendas e casas de madeira no lombo do [morro
e ahi vivem numa promiscuidade engraçada,
nortistas, pretos, mulatos, hungaros, todas as castas...

Parece até uma fita de cinema...
Só faltava uma menina bonita e um romance de amor
no meio dessa barafunda toda,
para eu jurar que estava assistindo a montagem duma [fita...

Mas a menina chegou hoje naquelle carroção atopetado [de cousas velhas.
E' uma hungara novinha. Novinha e linda.
Uma flôr loura e fresca no meio das cousas velhas do [carroção...

O pae della é grandalhão e bruto...
Puzeram nelle o appellido de "Tractor"
porque é elle quem lida com o possante tractor da Light...
Anda sempre com um cobretudo cheio de graxa e um [cachimbo na bocca,
e á noite bebe tudo o que ganhou durante o dia...

Vou tecer com a menina loura um romance de amor,
que durará o tempo da construcção da represa...
E quando as primeiras aguas cahirem escachoando na [Represa Nova
eu quero, olhando a espumarada brava,
agarral-a com ansia e beijal-a na bocca,
para terminar a nossa fita como nos films americanos ..

Nelson Cid

DE THEATRO

A ultima semana da companhia de comedias musicadas, que occupou o theatro do Casino de Copacabana, foi toda de casas esgotadas. Aliás, durante a temporada, a brilhante "troupe" representou sempre para casas cheias. O repertorio era pequeno, o que determinava a constante repetição das peças. O preço, elevado. O theatro, fóra de mão.

Comprova-se, assim, o que tantas vezes tenho affirmado. O publico não enjôou, tal, o theatro, já não supporta baboseiras, isso sim. O espectaculo, sendo interessante, não ha theatro máo, nem falta de dinheiro. Ahi está, sem precisar ir á remota Copacabana, a lyrica do Municipal, com sua elevadissima tarifa, não havendo quem ceda as localidades, com antecedencia adquiridas, por preço algum, em determinadas recitas, só ficando, na bilheteria, nas noites communs, os logares de onde não se avista o palco. Ahi está, no Palacio Theatro, a Velasco, espectaculos féericos, com uma frequencia notavel pelo numero e pela qualidade, tal como acontece no Municipal, e acontecia no Copacabana. Como, pois, asseverer que se extinguiu o amor pelo theatro no Rio de Janeiro ?

Os que querem justificar os seus proprios erros, os emprezarios theatraes nossos, dirão que ha publico para companhias estrangeiras, que é um caso de snobismo... Nada menos verdadeiro ! Não são mais os famosos trezentos de Gedeão que enchiam, ás vezes na mesma noite e, repetidamente, o Copacabana, o Palacio e o Municipal. Esses trezentos são mesmo alguns milhares, que a inepcia das emprezas nacionaes, fazendo representar sandices — orientações em que insistem — afastou do theatro nacional. Eu, que por força das minhas funcções de chronista theatral sou obrigado a assistir a tudo quanto se enscena no Rio de Janeiro, é que posso avaliar quanta razão tem o publico em abandonar as companhias nacionaes. E' de máo humor que se sáe do theatro, cansado de ouvir sandices, que não divertem — entendiam, que não nos alegram — irritam. O publico, que não é obrigado a supportar semelhante supplicio, deserta. Fica, na verdade, um outro publico, pobre de espirito, coitado !, e que exige, cada vez mais, o abaixamento do nivel intellectual, artistico e moral do espectaculo, para que, por sua vez, não deserte tambem.

Captar de novo a confiança do publico, o publico que gasta mil e tantos contos em uma temporada de menos de um mez no Municipal, e tres ou quatro centenas de contos em uma rapida serie de espectaculos no Copacabana, vae ser tarefa difficil, mas alguem a ha de iniciar, salvando o nosso theatro do descredito em que se acha mergulhado. O cinema não fez, nem fará, nenhum mal ao theatro. O que é elle, em ultima analyse, senão theatro ? Como pretender que os homens prefiram o espectaculo de figuras animadas ao de creaturas palpitantes de emoção, transmittindo, pela palavra, os sentimentos que as agitam, na corporisação dos sêres a que dão vida ?

O publico não admitte é que o aborreçam com idiotices, de uma lamentavel vacuidade como todas as peças dos taes autores (?) postos em voga pela errada maneira de encarar a questão do theatro, dos emprezarios nacionaes, letrados e illetrados.

MARIO NUNES.

BEATRIZ (Rio) — Querida consulente: peço-lhe mil perdões. As palavras que lhe dirigi eu é quem as mereço. Eu é quem deveria ter tido um pouco mais de confiança em si.

Baseei-me, porém, nas provas que me dava a graphologia, e que eu interpretei mal, para julgar, erradamente, que queria divertir-se á minha custa.

Sua letra e a de sua irmã parecem-se muito realmente. Tem um ar de familia, um cunho de parentesco inconfundivel, e — exquisitices da natureza! — a sua parece a de Martha Maria disfarçada.

Tenho algumas attenuantes, não é verdade?

Agradeço-lhe a bondade de me dizer que minhas palavras lhe fizeram bem. Acabo de lêr uma outra carta em que se me agradece os conselhos que me "pediram" — e que eu dei segundo o que me dictava a consciencia — com uma descompostura.

Ainda bem que V. comprehendeu que eu fui sincera nos meus conselhos e na minha zanga, Beatriz...

Ainda bem que V. comprehendeu que eu poderia pensar que tinha "algum" motivo "porque" estar zangada... E soube responder franqueza com franqueza e vem a mim, lealmente, darme a explicação pedida... sem estardalhaço, sem phrases pomposas e amargas e muitas exclamações e reticencias.

Assim fossem todas !

Escrevam-me Martha Maria e Beatriz: de creaturas sãs e honestas de espirito como vocês, sempre é um prazer receber-se uma carta.

ZILDA (Rio) — Releio sua carta: lá pelas tantas diz-me "Sou, com certeza, a mais futil das suas consulentes..."

Bemvinda seja a Futilidade se foi ella que me proporcionou sua carta: uma futilidade intelligente é um pouco de condimento na sensaboria da vida.

Pede-me um conceito sobre o amor... O Amor... mas afinal o que é o Amor?

Amor, explica o diccionario para quem appello, sentimento affectuoso de uma pessoa, para com outra; paixão cujo objecto é a posse exclusiva do affecto de outra pessoa.

Explicação insufficiente. Amor deveria ser um sentimento sobrehumano feito de Paciencia, Bondade, Generosidade, Desinteresse, Bom-Humor, Sinceridade, e sobretudo com a Grande Dóse de Comprehensão mutua e um grande esquecimento de si proprio.

Mas só uma pessoa perfeita é capaz de todas essas qualidades reunidas... Quem se atreve a affirmar que essa pessoa existe?

Esse amor sublime e eterno cantado em todos os tons... não hesita. E se a Natureza por uma aberração consegue a obra-prima desse Amor perfeito e sobrehumano... deve ser ainda mais raro que o Desinteresse ou que o Genio.

Mas mesmo essa parodia do Eterno e do Sublime, que é levado pelo mundo á fóra, tem sua parcella de belleza... E mesmo por esse amor falho e humano, que é o maximo que attingimos, vale a pena soffrer a desillusão de que o Eterno e o Sublime não existem...

Ter crido num Ideal inattingivel sempre nos fez subir um pouco acima do commum... o que já é um Ideal.

O Amor "na época actual" pergunta mais adiante.

E' uma mistura de todos os vicios do seculo: uma massa de sentimentos impuros, mas que, mesmo assim, não exclue o seu fundo de pureza... relativa e differente, é claro.

Não creio que sejamos peores ou melhores que os do seculo passado.

O que antes apenas se pensava, hoje se diz claramente. E não só se diz como se pratica.

Franqueza, sinceridade, dizem os apologistas do seculo, Caminhamos para a Verdade...

Póde ser... Talvez uma grande porcentagem de cynismo tambem...

Mas seja ruim ou bom, eu gosto do ruim seculo. Prefiro o Mal a descoberto, ao Mal que se descobre. Tem-se ainda a possibilidade de pensar que não foi uma completa ausencia de escrupulos que dictou tal ou tal acto... mas uma certa sinceridade, um resto de franqueza, vestigios ainda de um fundo bom não de todo apagado, que lhe fez dizer ao mundo: "Eu no intimo sou assim, não se enganem a meu respeito".

Está satisfeita? Que mais deseja, cara consulente?

Não se creia importuna, appareça, sempre que quizer dar uma trelinha.

GECY.

MORRER?

Morrer, agora, no apogeu da vida
Não appetece não, minha querida.
Deixar o mundo prenhe de illusões?...
— Em todo caso, escuta o que te digo:
Terei prazer em succumbir comtigo,
Mas, tão sómente nestas condições:

Nada de tiros, nada de venenos,
Vamos morrer juntinho, bem serenos,
Assim que o sol deitar-se no Occidente!...
Vamos transpor as regiões do Nada,
Numa chimera toda prateada
Até que o sol desponte novamente!

Já que esta vida é toda passageira,
Vamos morrer, tambem, desta maneira:
Logo, depois, da nossa confissão,
De longos beijos e de mil abraços,
Pódes morrer, tranquilla, nos meus braços,
Que eu me encarrego da resurreição...

João Baptista Dias.

VIAGEM MEDICA BRASILEIRA DE ESTUDOS A' FRANÇA

A Sociedade de Viagens "Exprinter" está organizando, para que se realize em Outubro proximo, a Primeira Viagem Medica Brasileira de Estudos á França. A iniciativa é do numero daquellas que merecem apoio incondicional das altas autoridades medicas e da imprensa do Brasil e da França, paizes que moral e scientificamente muito lucrarão com esse intercambio. No Brasil, já conta a "Exprinter", para levar a bom termo a sua interessante idéa, com o patrocinio do senhor Embaixador de França, Conde Dejean, e dos eminentes mestres patricios Professores Miguel Couto e Fernando Magalhães. Na França, o emprehendimento tem já assegurado o apoio de illustres professores da Faculdade de Medicina de Paris, de medicos dos Hospitaes e de professores do College de France. E' de suppor-se, por isso, que a Viagem Medica Brasileira de Estudos á França, cujo programma, de que consta desenvolvida parte turistica, está sendo distribuido pela "Exprinter", tenha o exito mais brilhante.

Os medicos do interior que desejarem tomar parte nessa Viagem Medica de Estudos, devem escrever immediatamente á "Exprinter", á Avenida Rio Branco, 57, Rio, que lhes serão enviadas todas as informações e vantagens de preços, mesmo para as senhoras dos itinerantes.

Escoteiros da Saude

"...e Alvares Cabral, ao arribar ao Brasil trazendo a Cruz de Christo, foi o primeiro annunciador dos vinhos Ramos Pinto."

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje

Esta popular revista, com o numero que nos apresenta esta semana, marca mais um successo pelas suas "charges" humoristicas, reportagem photographica da actualidade e texto escolhido.

Experimente o sabonete

O unico que, depois de usado, deixa a pelle persistentemente perfumada e macia

Á VENDA EM TODA A PARTE

Rua 25 de Março, 11
S. Paulo

e na CASA HERMANNY
Rua Gonçalves Dias, 54
Rio

Avenida 15 de Novembro, 764
Petropolis

Porto Alegre — Rua Marechal Floriano, 310

Decimo anno, numero quinhentos e oito. Rio de Janeiro, 8 de Setembro, em 1 9 2 8

N a m o r a d o s

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:

— Antonia, ainda não me habituei com o seu corpo, com a sua cara.

A moça olhou de lado e esperou.

— Você não sabe quando a gente é criança e de repente vê uma lagarta listrada ?

A moça se lembrava:

— A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos della.

O rapaz proseguiu, com muita doçura:

— Antonia, você parece uma lagarta listrada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

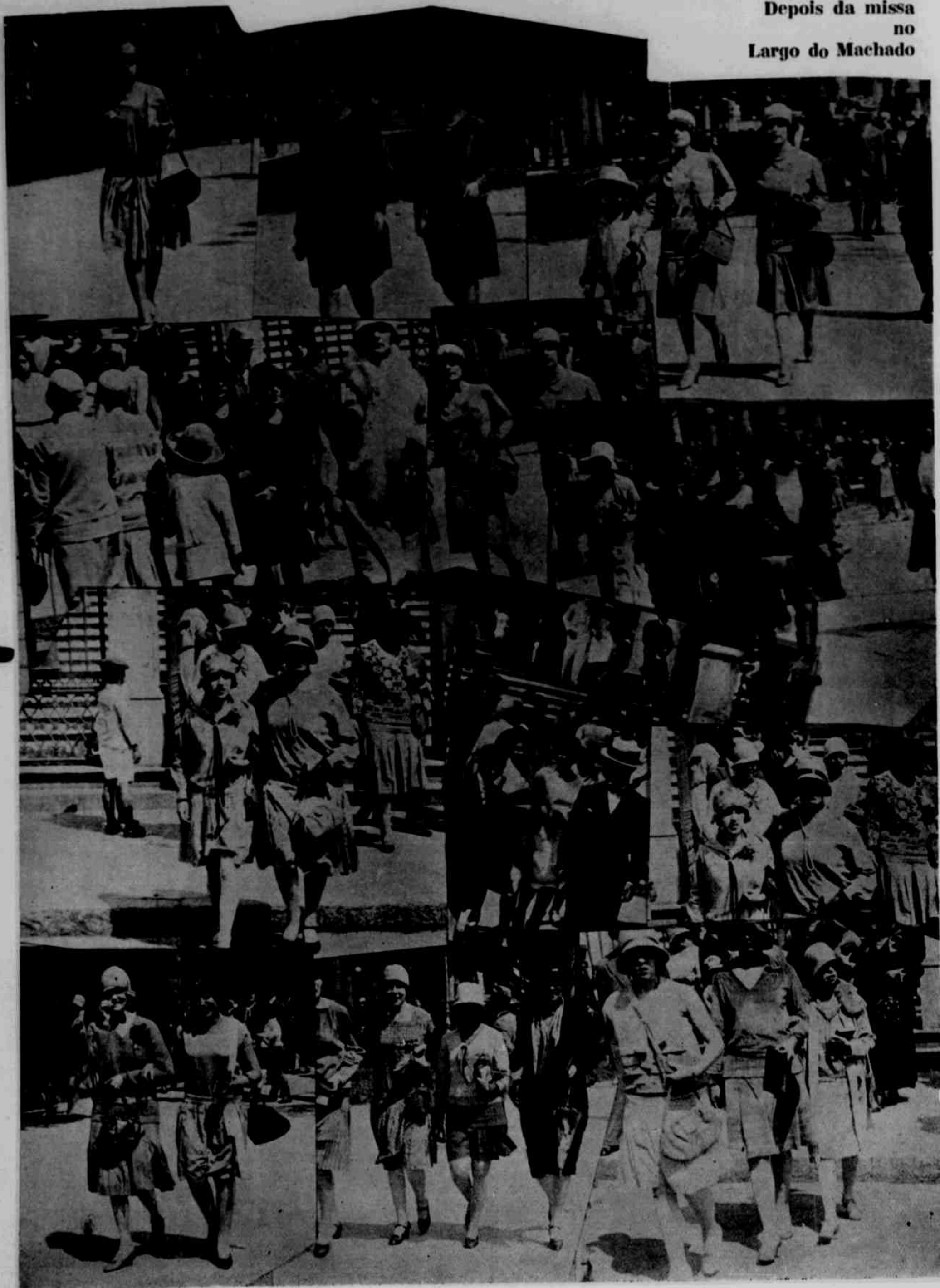
O rapaz concluiu:

— Antonia, você é engraçada ! Você parece louca.

MANUEL BANDEIRA

**Depois da missa
no
Largo do Machado**

RUAS

AS CONFIDENCIAS DE UMA PARTIDA

— Na verdade, é doloroso deixar esta cidade, mesmo por pouco tempo. Não sabes, eu amo o Rio de Janeiro com o amor de um homem por uma mulher.

— Esse amor, com certeza, é semelhante ao daquelle poeta que chamou isto aqui de cidade-mulher. Quem foi mesmo ? Eu, entretanto, acho ridiculas estas fantasias. Para mim isto não passa de uma boa cidade, isto é, uma porção de ruas, com milhares de casas, cafés, cinemas, repartições publicas, estabelecimentos commerciaes. Vocês fazem das coisas mais simples todo um romance. Como é, vamos jantar ?

Iamos pela Avenida, a passo tardo e ocioso, emquanto a noite cahia sobre a ponta distante dos telhados. Elle repetiu o convite, emquanto eu, suspenso no extase da hora, reparava fugitivamente nas mulheres perfumadas que passavam (vestidos bonitos envolvendo bonitas substancias).

— Que azul, hein ?

Fez com os hombros o gesto indifferente de quem não se importa com o céo, não se importa com o azul. Elle só se importava, naquelle instante, com o jantar. Continuei mansamente:

— Partir... Deixar por não sei quanto tempo esta maravilha tão simples, uma cidade, esta cidade... Por que será que a gente se affeiçôa a uma casa, a um gato, a um habito, a uma bengala, a uma collecção de sellos, a uma mulher, a uma cidade ? Não, verdadeiramente o que póde definir a minha estranha paixão, de todo o meu corpo, por este Rio de Janeiro, é uma mulher.

— Sim, o outro já disse. Esqueci-me do nome. Como é que se chama elle ?

Minha magua era cada vez mais fina, indefinivel. Não é porque Theotonio de Souza, sub-gerente da Simpson & Brothers, Limitada, não fosse um moço agradavel. Porém, o seu mundo é a rua 1º de Março, o Cáes do Porto, a Caixa Postal 39.327 o Club de Regatas Flamengo e certa casa da rua Santo Amaro. Não conhece mais nada. Não quer saber de mais nada.

Naquella tarde, porém, — o segundo nocturno partia ás 7,30 —eu fôra obrigado a abrir o meu coração desgraçado ao primeiro conhecido. Theotonio de Souza escutava um tango na porta de uma casa de victrolas na rua do Ouvidor. Sorrira ao meu cumprimento vago. Não podendo escolher, não havendo tempo para escolher, eu tomara Theotonio de Souza debaixo do braço. Fomos indo no meio da turba: elle, com o desempeno de um campeão de "yole-gig", contente de ter acabado o serviço daquelle dia e possuir uma poltrona do Palace Theatro para a noite; eu, sentimental, sómente com duas horas para ficar ainda nos braços da cidade ou ter a cidade nos meus braços. Impermeavel á finura das confidencias da alma; Theotonio de Souza resistia á comprehensão da minha melancolia como uma capa de borracha ingleza sob um leve chuvisqueiro sem consequencias.

Desenho de Di Cavalcanti

— Theotonio, nunca partiste do Rio por alguns mezes, ou por alguns annos ?

Theotonio informou, succinto:

— No anno passado estive nos Estados Unidos oito mezes.

— Ah ! E não sentiste nada, nenhuma afflicção, ao deixar estas ruas, estas arvores, estes edificios, este céo, estas pessoas que a gente não conhece, mas estima ?

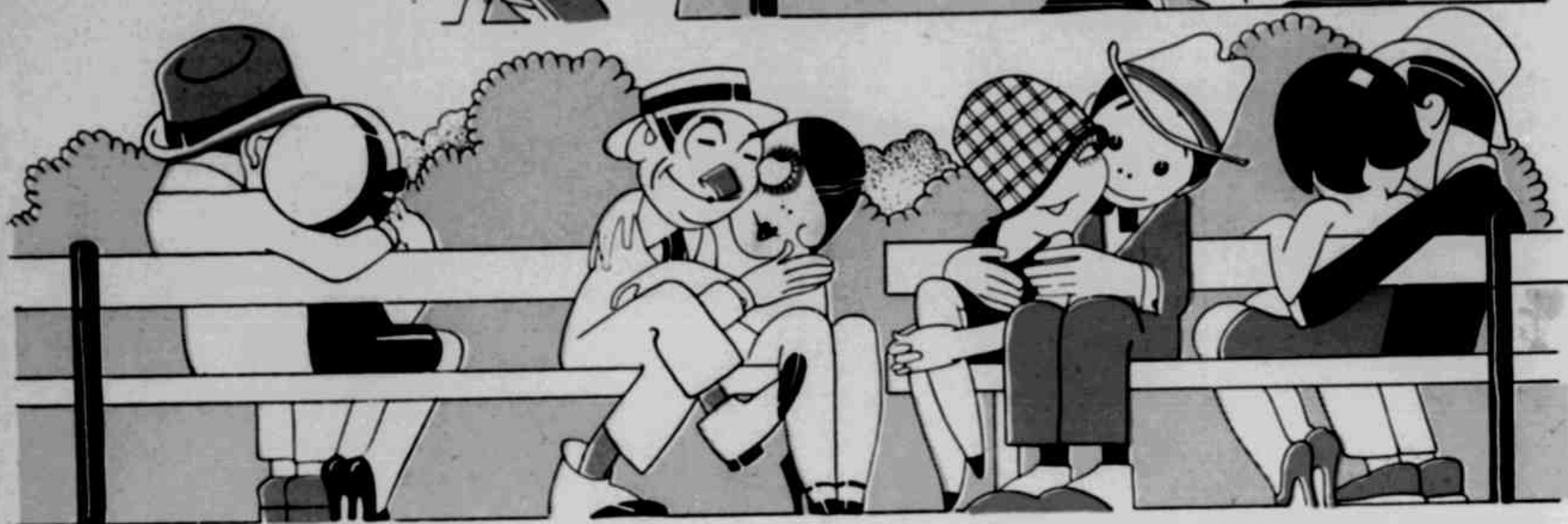
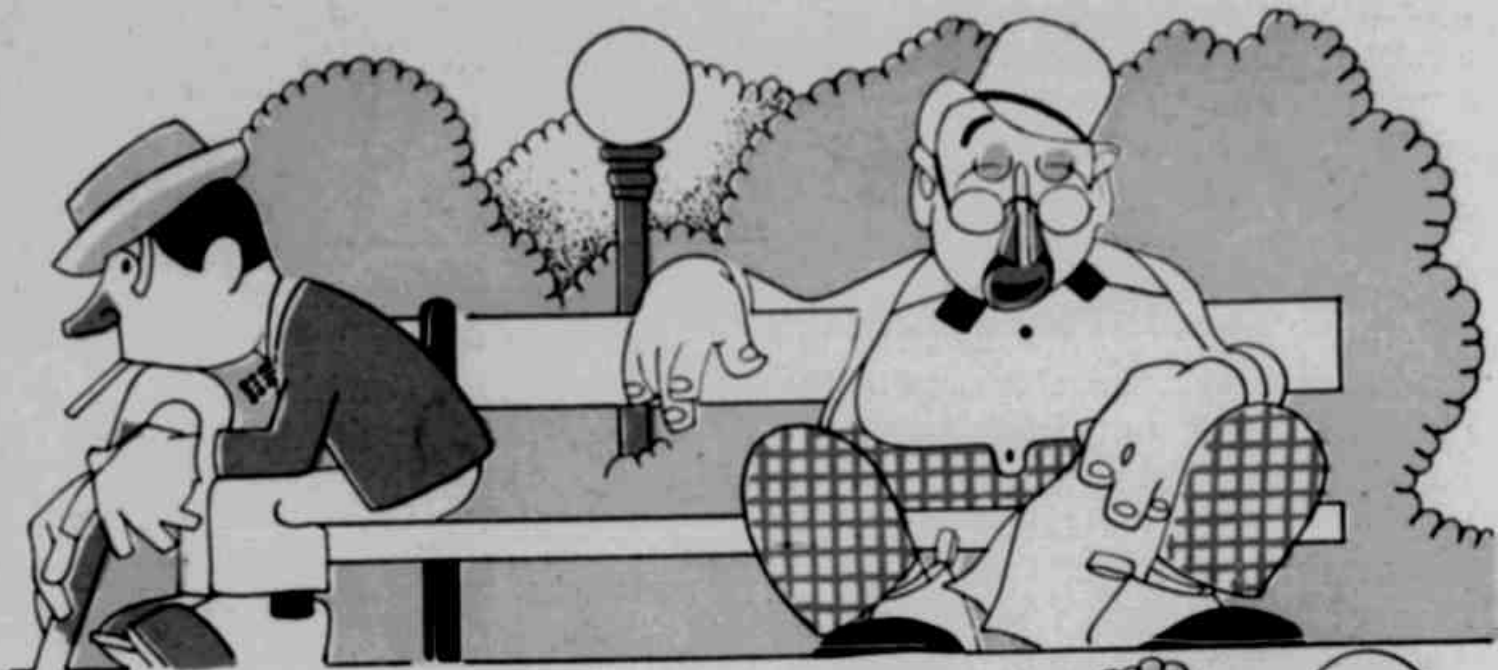
— Deixa disso... Vamos jantar.

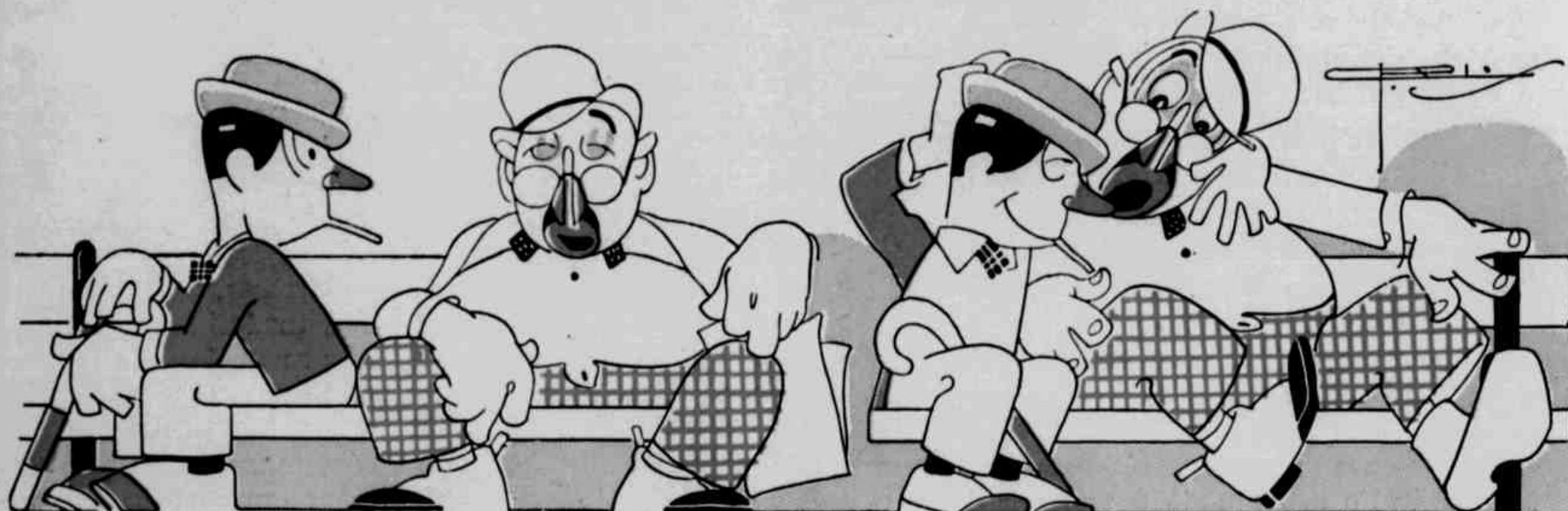
Comprehendi que era inutil. Eu precisava, por exemplo, de Zenaide, aquella Zenaide que tudo comprehende antes de se falar. Ou de Prospero Gomes, apparentemente cynico, condemnado pela opinião dos amigos, porém, sentimental até á medulla. Em summa era inutil proseguir com o sub-gerente da Simpson & Brothers Limitada, principalmente depois que o céo, de um azul quasi negro, apparecera com nuvens côr

(Concluc no fim da revista)

Ribeiro Couto

Amai-vos uns aos outros

Naquelle canto sombrio dos jardins do Russell havia apenas um sussurro balbuciado de palavras doces... Possidonio, installado displicentemente na ponta de um banco, estendia um olhar ingenuo e vago aos outros bancos mais proximos onde os arrulhos dos casaes, em cardumes, dilaceravam o coração do Possidonio.

Ai !... Ui !... Meu Deus !... Talvez !...

Je t'aime !... I love you !... Io t'amo !... Me Deixa ! Diabo !...

Possidonio perdeu então aquillo que os inglezes chamam "self-control". Chegou-se um pouco mais ao companheiro do banco

e deu-lhe tambem uma affectuosa "chamada".

(Desenhos de J. Carlos)

UMA FESTA EM BENEFICIO DOS POBRES DE NICTHEROY

O senhor Presidente Manuel Duarte, o senador Miguel de Carvalho, o deputado Miranda Rosa, secretarios do governo fluminense e a alta sociedade de Nictheroy assistem á festa que o Dr. Alvaro Neves, Chefe de Policia do Estado do Rio, organizou em beneficio da Caixa de Esmolas : : Oscar Fontenelle. : :

Em cima: instantaneo no jardim do Club Central

Em baixo: o Dr. Alvaro Neves, com sua Exma. senhora e senhorinhas

FLUMINENSE FOOTBALL CLUB

Instantaneos da ultima vesperal dansante

Nos salões da rua Alvaro Chaves

FLUMINENSE FOOTBALL CLUB

O circo estava vasio. Vasio o picadeiro e o ambiente sem aquella festa de gargalhadas.

O sol ardia e queimava através o toldo de lona. Ninguem. Lá ao fundo um vago murmurio, o murmurio de um cochicho, um cochicho que dali não se comprehendia, mas se adivinhava. Andámos. E, andando, a imaginação foi animando o circo dessa sua vida tão sua, caracteristica e inconfundivel; foi enchendo de gente as archibancadas vasias; de palhaços e acrobatas a arena em abandono e de fanfarras todo aquelle pequeno mundo de illusões em silencio.

A impressão suggestiva do meio erguia vozes, fazia estrugir palmas e arrancava gargalhadas — gargalhadas e palmas que, na verdade, não escutavamos, mas sentiamos bem perto de nós, tão perto como, agora, vencida a curta distancia, ouviamos o cochicho que servira de bussola aos nossos passos sem rumo. Mais uns segundos e se nos deparava não um homem, mas uma gargalhada, uma gargalhada que o eclipsava a inteiro porque a inteiro delle se assenhoreava, fazendo-o tremer como a corda de um violão bem tangida transfigurando-o. E a seguir outra gargalhada espoucava de outra bocca, apagando a figura de outro homem.

— Os palhaços?

Um delles, rapidamente curvou-se, morta a risada, e apontou a parede do camarim sem luxo:

— Estão ali!...

Estavam mesmo.

Pela parede se penduravam roupas de côres, as mais extravagantes e feitios, os mais estranhos, feitios e côres que transformam homens em palhaços...

E, explicativo, accrescentava:

— Não ha nada como ser saltimbanco!...

Ao que outro accrescentou, sorrindo e abrindo os braços triumphalmente:

— E' maravilhoso a gente divertir os outros com uma gargalhada, sem deixar comprehender que essa gargalhada é, ás vezes, pranto, é um pouco menos que o espedaçar-se da alma e um pouco mais que o perder-se a ultima illusão...

— O palhaço é, então, feliz? indagámos.

— Feliz, sim... felicidade não é alegria?

E soltando uma gargalhada:

— Quer ventura maior do que poder rir assim?

E era esse mesmo homem que, quando chegámos ao circo, cochichando, dizia ao outro ser um desgraçado por causa de uma mulher...

Ah!... a ironia dos palhaços!...

* * *

— A minha mais forte emoção de palhaço? repetiu a nossa pergunta, um dos tres irmãos Olimecha que nos rodeavam.

— Sim, a mais forte...

Elles se entreolharam e, sorrindo, o que interpellámos disse assim:

— Não pense que é um drama, como os dramas que immortalizaram os palhaços... Não...

E continuou:

— A emoção mais violenta que já senti com a minha cara pintada de alvaiade e o meu corpo dentro daquellas roupas bizarras foi quando, um dia, em meio ao meu trabalho, descobri lá no alto de uma archibancada uma loira creança de olhos verdes chorando, emquanto todos riam. Procurei descobrir quem a acompanhava, mas debalde meu olhar oscillou entre o homem velho e a velha gorda que a comprimiam, indifferentes ao seu pranto. Dahi, até ao fim da minha exhibição, desempenhei, simultaneamente, dois papeis: era o palhaço que fazia os outros rirem e era o homem que sentia dentro da alma uma tragedia sem as côres daquella farça... Emquanto offerecia áquella gente toda um espectaculo alegre, dentro em mim proprio se desenrolava um espectaculo de dor. O pensamento, errando, fazia emergir de uma desgraça aquella meiga creança e trazia-a para ali, para o circo — o circo que é o divertimento dos que não têm outro divertimento. Mais uma gargalhada e mais um gracejo, em meio ao picadeiro, e a minha imaginação se refugiava naquelle recanto, envolvendo o menino que chorava numa ternura carinhosa. Para mim, o garoto soffria, soffria muito, talvez até sentisse a dor que se não descreve da saudade da mãe da gente que morreu...

E approximando-se mais de nós:

— Quando acabei o trabalho, assim mesmo como estava vestido, sentindo como homem a emoção que o palhaço não podia sentir, corri á archibancada, galguei-lhe os degráos abrindo claros na multidão compacta até chegar lá em cima, levantei-o, beijei-o e, sentando-o nas minhas pernas, perguntar-lhe:

— Que é que tens, menino? Estás só? Sentes alguma cousa?

O pequeno, esfregando os olhos molhados, amuado, batendo os pésinhos, respondeu, a voz entrecortada de soluços:

— "Eu tô me lembrando do meu zoão"...

— Que João? interrompi-o.

— "O meu boneco que palece comtigo e que vôvô não me deixou tazê"!...

E, indifferente aos meus e aos carinhos dos avós e aos risos dos que nos rodeavam, continuou a chorar...

O palhaço — Thomé Olimecha — voltando os olhos para nós, rematava, sincero:

— Creia que essa foi a minha maior emoção em vinte e tres annos de circo!...

* * *

Lulú, o impagavel Lulú, que usa a sua bengala flexivel mesmo antes de Carlito apparecer, envelheceu no circo, sonhando, dizendo pilherias e soltando gargalhadas. E' Olimecha tambem e, desde 1898, se pinta de alvaiade, dá cambalhotas e finge estar alegre... no circo.

— De que gosta mais?

— Das mulheres que nunca vi...

— Por que?

— Porque essas não me fazem mal...

— De todas as suas recordações qual a mais angustiosa?

Lulú Olimecha cerrou as palpebras como a rebuscar os reconditos da imaginação e, depois de uma pausa, respondeu sem rir:

— Foi em 1918. Entrei em scena para animar de graça e alegria o papel de um homem que se julgava mais esperto que os outros que a cada instante soltava uma risa-

B A R R O S V I D A L

(Desenho de Di Cavalcanti)

(Conclue no proximo numero)

PASSARINHOS DO BRASIL

DEPUTADO ASSIS BRASIL

Quéro-quéro

SENADOR ANTONIO AZEREDO

Bem-te-vi

CARICATURAS DE FRITZ

lei scelerada
por sady garibaldi

Bebê - Girasol,
Venho denuncial-a
Perante o ministerio publico dos meus instinctos animaes,
Como incursa no artigo 249,
Paragrapho primeiro
Do Codigo Penal
Da Republica dos Estados
Desunidos
Dos sexos masculino e feminino.

*

O crime é de aggressão
Insolita,
Desabusada,
Caracterisada,
Indefensavel...

*

Você, Bebê, com esse corpo
De canna da India,
Com esses olhos de carbite,
Com essas olheiras de manacá,
Com esses cabellos de sol...
Admitte-se,
Porque é provocação apenas.

*

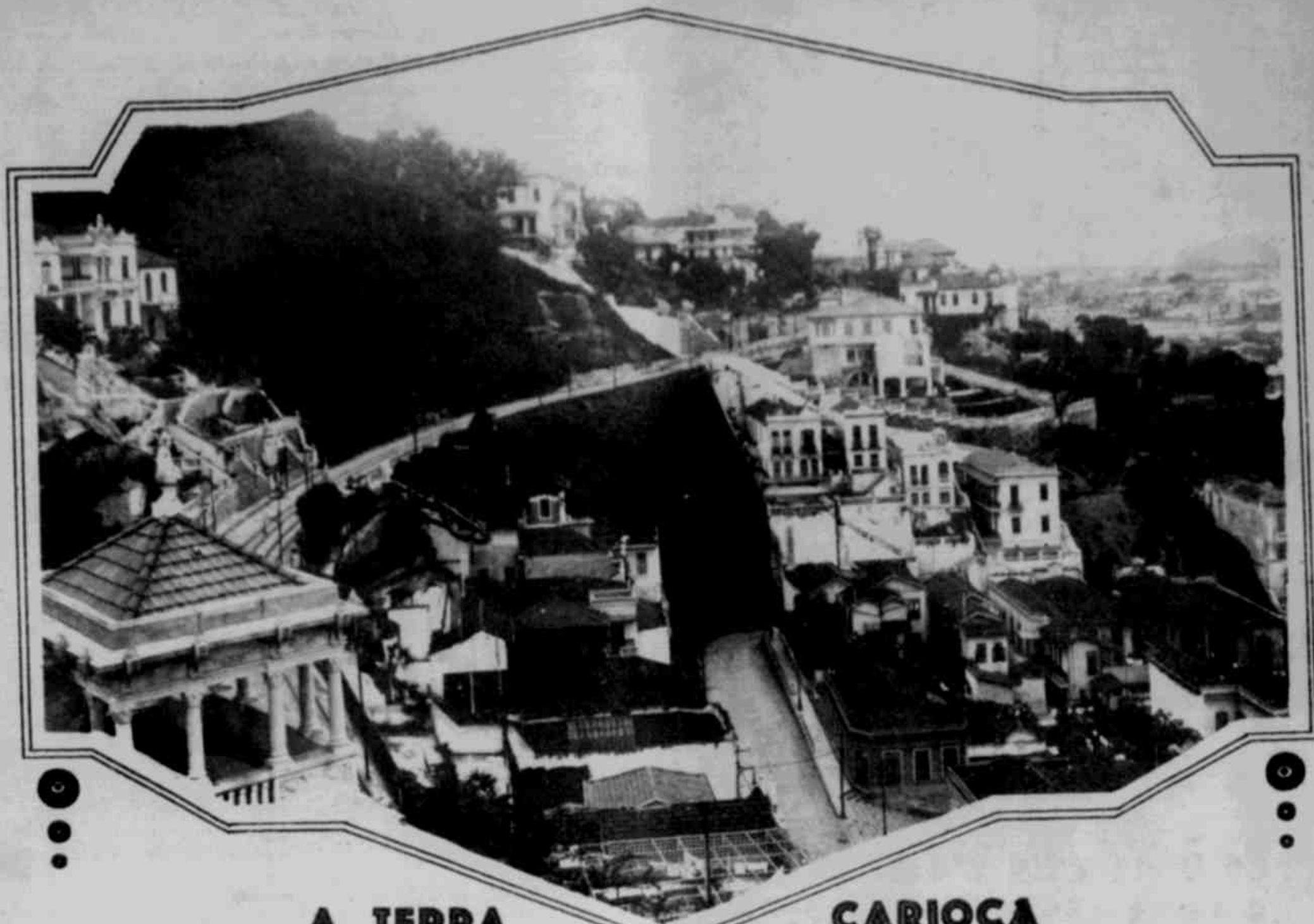
Mas você, Bebê,
Com esses dois seios malucos,
Aggressivos, ponteagudos,
A dansarem dansas dansadas
Pela Anna Pawlova da sensualidade,
Lascivamente enfeitiçados
Cheios da moamba dos desejos inconfessaveis,
A dansarem, a dansarem
No tablado longo desse peito de cysne
Doente de volupia
E mal velado
Pela cortina de seda da combinação
E pelo tule da blusa...
Não se admitte, absoluta,
Absoluta, absolutamente!
Porque é mais que provocar:
Porque é aggredir...

Você comprehende, Bebê,
— Flôr da lapela do "smoking" dos meus sentidos
Exaltados, indomaveis de sylvano bruto —
Você bem sabe: os jornaes não têm
A minima contemplação com a gente
E puxam pelas epigraphes berrantes,
Acaçapantes,
Como estas:
VICTIMA DA DESHUMANIDADE DE UM MONSTRO!
O SATYRO FELIZMENTE JÁ ESTÁ PRESO.
Depois, o meu e o seu retrato
E a horrivel literatura
Em cima da "indefesa" creatura
E do besta-féra!...

(Pobre da gente
Innocente,
O' natureza criminosa!)

*
* *

Hontem, houve sessão na Camara dos Deputados
Das minhas responsabilidades sociaes
E o representante dos meus instinctos superiores
Apresentou esta lei, cujo projecto
Já veio redactado do Cattete
Da minha vontade pessoalissima:
"Primeiro artigo e unico paragrapho:
"Em virtude da indole dansarina,
"Sapéca, provocadora, atrevida
"Dos seios da senhorita
"Bebê-Girasol,
"Fica a mesma obrigada ao uso indispensavel
"Do "soutien-gorge" do recato absoluto,
"Da discreção perfeita
"E dos bons modos... apparentes.
"Segundo artigo: revogam-se
"Todos os outros desejos em contrario...

A "esquerda" quiz protestar,
Obstruir.
A maioria, porém, fechou o tempo
E transformou o projecto em lei..

A TERRA CARIOCA

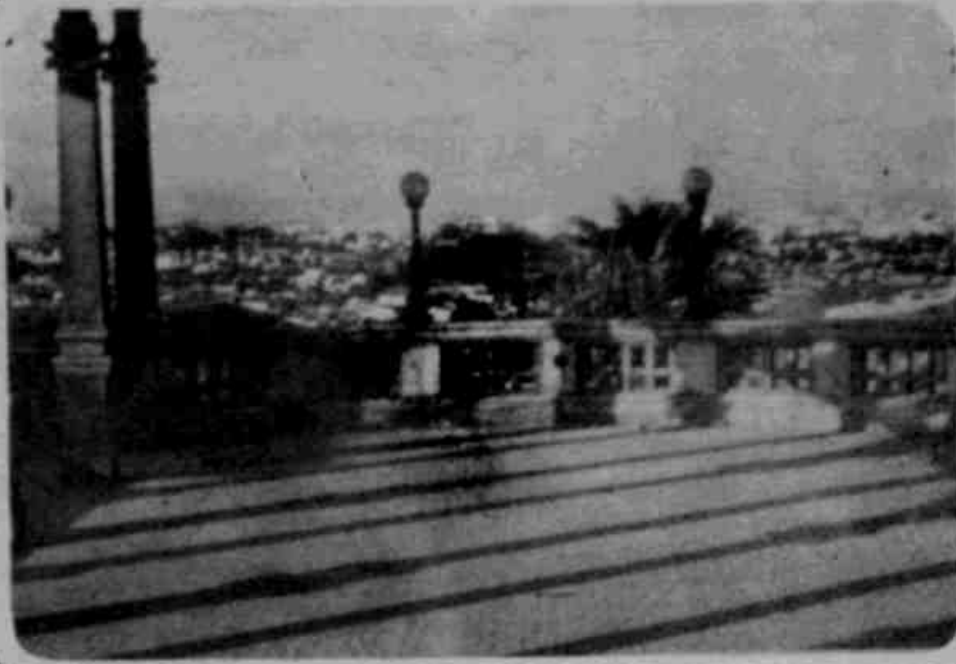
SANTA THEREZA

LARGO DE S. FRANCISCO

(Photos Malta)

Canal de Bertioga

Salto de Itú

Vista parcial de uma fazenda de café

A cidade vista do belvedere do Trianon

DE SÃO PAULO

Orchidéas

Orchidéas

Sobre a nobre, a illustre individualidade de Alberto de Oliveira é difficil dizer qualquer coisa que já não tenha sido dita. Ainda ha pouco, por occasião do jubileu do poeta, no momento em que elle era alvo das mais effusivas demonstrações de apreço por parte da imprensa, do povo, da Academia de Letras, foram publicados innumeros artigos de critica e proferidos varios discursos de apreciação da sua obra. Mas, antes disso, já a grande figura literaria de Alberto de Oliveira havia sido carinhosamente estudada por Araripe Junior, José Verissimo, Sylvio Romero, Olavo Bilac, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Ronald de Carvalho, Frota Pessôa e outros nomes de relevo nas letras do nosso paiz.

E' que Alberto, sagrado, após o desapparecimento de Bilac, o principe dos poetas brasileiros, é de facto uma figura de grandeza extraordinaria que avulta, como um marco monumental e um guia rutilante, na estrada ampla e illuminada da Poesia brasileira, para todos aquelles que, de cincoenta annos a esta parte, a têm percorrido. Mesmo considerada, na precariedade de umas simples notas de informação, essa figura não póde ficar adstricta ao circulo dos seus amigos ou admiradores: ella projecta-se como um facho de luz sobre todas as correntes do pensamento no Brasil, exerce uma influencia positiva no evoluir de toda a sua geração e actua poderosamente sobre o seu meio. Com Olavo Bilac e Raymundo Corrêa — que foram os seus dois maiores amigos — o poeta fórma essa triade brilhante que apparece, chronologicamente, como um escudo, á entrada desse periodo literario que os criticos chamaram do advento do parnasianismo e em que se processou, no Brasil, a exemplo da França, a revolta do espirito moderno contra os moldes classicos que, até então, vigoravam na literatura.

Foram combatidos por isso, foram desancados impiedosamente, Alberto e os seus companheiros de jornada. Como todos os innovadores, pagaram o seu tributo ao espirito reaccionario da época. A esse proposito, é curioso relembrar o que disse o proprio poeta, ha alguns annos, numa entrevista publicada na "Revista da Lingua Portuguesa":

"Quando nós surgimos, traziamos o desejo de reagir contra o romantismo, que estava em suas ultimas vascas. Nossa idéa, então, era apagar de vez, em nossos versos, tudo quanto lembrasse, mesmo de longe, as abstracções poeticas, as melancolias dos velhos mestres, dos quaes então sorriamos irreverentemente. Como acontecera em França, com os parnasianos, nós tambem aqui quizemos pôr em pratica a theoria do celebre verso: — "pas de sanglots humains dans les chants des

Uma enquête literaria

A RESPOSTA DO SR. ALBERTO DE OLIVEIRA

poètes!" Dahi a derivação que cada um de nós procurou fazer para os themas da historia, da natureza, da religião, e até da sciencia, em prejuizo de quanto nos parecia ser sentimentalismo, romantismo. E dahi, tambem, o habito que então se vulgarizou de nos chamarem "impassiveis". Eu fui particularmente victima dessa accusação. E só muito lentamente, meus accusadores se foram esquecendo de bater nessa tecla.

Ao nosso lado, ao lado dos parnasianos, dos "impassiveis", havia poetas de outras tendencias, e a mais singular era, sem duvida, aquella que Sylvio Roméro baptisou de "scientifica", e na qual pontificava Martins Junior. Nada disso subsistiu. Vimos que tudo aquillo era apenas a imaginação, o sonho de uma geração impetuosa e forte. E cada um de nós, com o tempo, regressou ás suas proprias emoções, á sua alma, aos seu anhelos. Hoje, essa é a verdade, cada um de nós é um romantico a seu modo..."

* * *

E' extremamente interessante o depoimento de Alberto de Oliveira. Elle diz bem das luctas que caracterisaram uma época, hoje longinqua, da nossa literatura. De resto, o phenomeno não se deu apenas no Brasil; operou-se um pouco por toda a parte. Das proprias palavras do poeta resaltam as injustiças que costumam ser commettidas nesses prelios do espirito. Porque, effectivamente, nada mais injusto do que a pécha de "impassibilidade" irrogada a esse grupo de poetas de que fizeram parte não apenas Raymundo e Bilac, mas Vicente de Carvalho, Luiz Murat, Emilio de Menezes e tantos outros que nada tinham de impassiveis. Particularmente, quanto a Alberto de Oliveira, póde-se-lhe reconhecer, nos primeiros versos, uma rigorosa preoccupação formalistica, um cuidado quasi monastico no apuro da lingua, um desvelo quasi doentio na caça á rima rica, — mas ausencia de emoção, nunca. E' possivel que este espirito aristocrata chegasse ao ponto de "medir o sentimento" com receio de cahir na piéguice... Porém, isso mais por pudor do que em virtude de outro proposito. Por fim, livre das peias impostas, não pelos moldes de uma escola, mas pelo recato de uma alma de fina sensibilidade, o poeta dá largas á sua inspiração e abre caminho aos seus arroubos lyricos. Os versos da 3ª e 4ª séries de suas "Poesias" já se mostram perfeitamente emancipados do recato primitivo.

* * *

"Vimos que tudo aquillo era apenas a imaginação, o sonho de uma geração impetuosa e forte". De facto, assim é. Na historia da literatura brasileira, que outra geração se poude avantajar a essa de que Alberto de Oliveira foi um dos mais scintillantes florões e cujos representantes, infelizmente, se encontram hoje quasi todos desapparecidos? Que ficou da producção desse grupo de admiraveis artistas que fizeram a revolução parnasiana? Ficou tudo quanto a nossa poesia tem de realmente solido e de fundamental. Ficou Bilac, como um clarão. Ficou Raymundo como uma pyramide. Ficou Vicente de Carvalho, como uma cupola. E' verdade que o espirito novo que agita o Brasil, na ansiosa procura de fórmas ineditas para exprimir os seus ideaes de arte, tem uma irradiação e um singular poder de suggestão. Mas, como bem accentuou João Ribeiro, elle "accusa ainda as incertezas de uma procurada modificação", sem as caracteristicas das realisações definitivas.

Alberto de Oliveira destaca-se do seu grupo por uma concepção talvez mais alta de arte, por uma philosophia mais serena e mais compassiva dos dramas do coração humano e dos conflictos moraes. Si elle soffre, não procura traduzir a sua dôr num grito: antes, deixa-a transparecer numa queixa... O proprio enthusiasmo não o desvaira, não lhe faz perder esse equilibrio, essa medida, esse senso de proporção que distinguem toda a sua obra. Modera-se e recebe os motivos da alegria com a mesma resignada volupia com que teria acceitado a visita da Dôr. Entretanto, em face da Natureza o poeta transfigura-se; a sua

Alberto de Oliveira

por

Di Cavalcanti

Premio "Illustração Brasileira" — A "Illustração Brasileira," que publica, todos os mezes, reproducções de quadros dos artistas brasileiros, instituiu um premio destinado ao pintor menor de trinta annos, que não tenha ainda a medalha de prata. Esse premio será annualmente concedido por occasião do Salão. Em 1928 ganhou-o Vicente Leite. A importancia do premio (1:000$000) foi entregue ao premiado segunda-feira, na redacção da "Illustração Brasileira," estando presentes o director da Escola de Bellas Artes, o esculptor Magalhães Corrêa e directores da revista.

■ ■ ■

inspiração vôa alto; o seu espirito de apprehensão, de analyse, de observação abrange um circulo mais largo e a sua emoção é mais intensa. Elle entrega o coração sensivel á alma envolvente das Coisas. E confabula, em voz alta, com as arvores, com o céo, com o mar, com o arbusto mais humilde, com a estrella mais remota. Penetra a fundo no seio palpitante do Cosmos para deliciar-se com os mysterios que o attrahiram e que elle procurou desvendar.

Lendo-o, temos a impressão de que diante da Natureza é um gigante, como diante do Amor é um timido. Nem por isso, todavia, a sua poesia deixa de cercar-se de um halo de lyrismo enternecedor, e tão fino e subitil que, muita vez, não apparece na phrase, mas transparece na intenção.

Em resumo, Alberto de Oliveira é dos maiores poetas do seu tempo. Elle fez da sua arte um sacerdocio. Amou-a acima de todas as coisas. Viveu para ella, como um crente para uma Divindade. E serviu-a com fé, com constancia, através de todos os obices. O resultado desse doce captiveiro em que consumiu toda uma gloriosa existencia, é o valor da grande obra que ahi está: solida, magnifica, elevada, e eterna como o bronze.

* * *

Na resposta, que se segue, ao questionario, o poeta nos relata como lhe nasceu a veia poetica. E recorda ainda a edade em que publicou os primeiros versos: 16 annos. Foi no "Correio Fluminense", de Nictheroy. Filho de Palmital de Saquarema, no Estado do Rio, por essa época residia na vizinha cidade de Nictheroy, de onde, pouco tempo depois, veiu para o Rio. Publicou na "Gazeta de Noticias", no tempo de Ferreira de Araujo, as "Canções Romanticas", o seu primeiro livro de versos. Depois, mais tarde, a propria typographia da "Gazeta" editou os "Meridionaes". Dahi por diante collaborou em varios jornaes. Em 1893, foi secretario do Governo Porciuncula, no seu Estado. Durante cinco annos foi director da Instrucção Publica. Mais tarde e respectivamente membro do Conselho Superior de Instrucção, professor de Literatura e Lingua Portugueza do Pedagogium; professor de Historia da Escola Normal; professor da Escola Dramatica, membro fundador da Academia de Letras, cadeira de Claudio Manoel da Costa.

A sua obra, copiosa, consta de "Poesias" (1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries), compendiando quasi toda a sua producção poetica, em volumes de 400 paginas, na média. "Paginas de ouro da poesia brasileira"; "Céo, Terra e Mar"; "Machado de Assis", anthologia, de collaboração com Jorge Jobim; "Poetas brasileiros", anthologia; "Contos brasileiros", anthologia; "Visconde de Taunay", anthologia; "O soneto brasileiro", conferencia; "O culto da fórma na poesia", conferencia; trabalhos esparsos em grande numero de jornaes e revistas.

Eis a resposta que nos enviou:

I — Que pensa, de um modo geral, do nosso movimento literario? Temos evoluido estacionámos ou temos retrogradado?

— "E' innegavel a evolução. Fôra interessante e louvavel um trabalho de recenseamento de nossa producção literaria desde 1902, quando appareceu o 7º e ultimo volume do "Diccionario bibliographico brasileiro" de Sacramento Blake, até nossos dias."

II — Que pensa da lucta das chamadas escolas literarias? Qual dellas tende a predominar? Quaes os escriptores contemporaneos que as representam?

— "O que pensa Medeiros e Albuquerque ("Para todos", de 11 p. p.)".

III — Por que se fez escriptor? Por tendencia? Por necessidade? Ha uma situação, material, de inferioridade do escriptor nacional em face do escriptor estrangeiro? Si ha, quaes as providencias, de ordem legal ou moral, que indica para melhorar essa situação?

— "Comecei a poetar, adolescente ainda, por acompanhar no officio, imitando-o, um irmão mais velho, meu amigo e primeiro mestre. Ficou-me dahi o habito, e o goso e tortura de lidar com versos. A segunda parte da questão, se bem a comprehendo, deve entender-se com a impressão e publicação de livros. Respondo pela affirmativa. Basta vêr o que occorre entre o Brasil e Portugal, entre os nossos livros e os portuguezes. No sentido de em grande parte remediar o mal, tenho ser vantajosa uma proposta apresentada ultimamente á Academia Brasileira por Claudio de Souza."

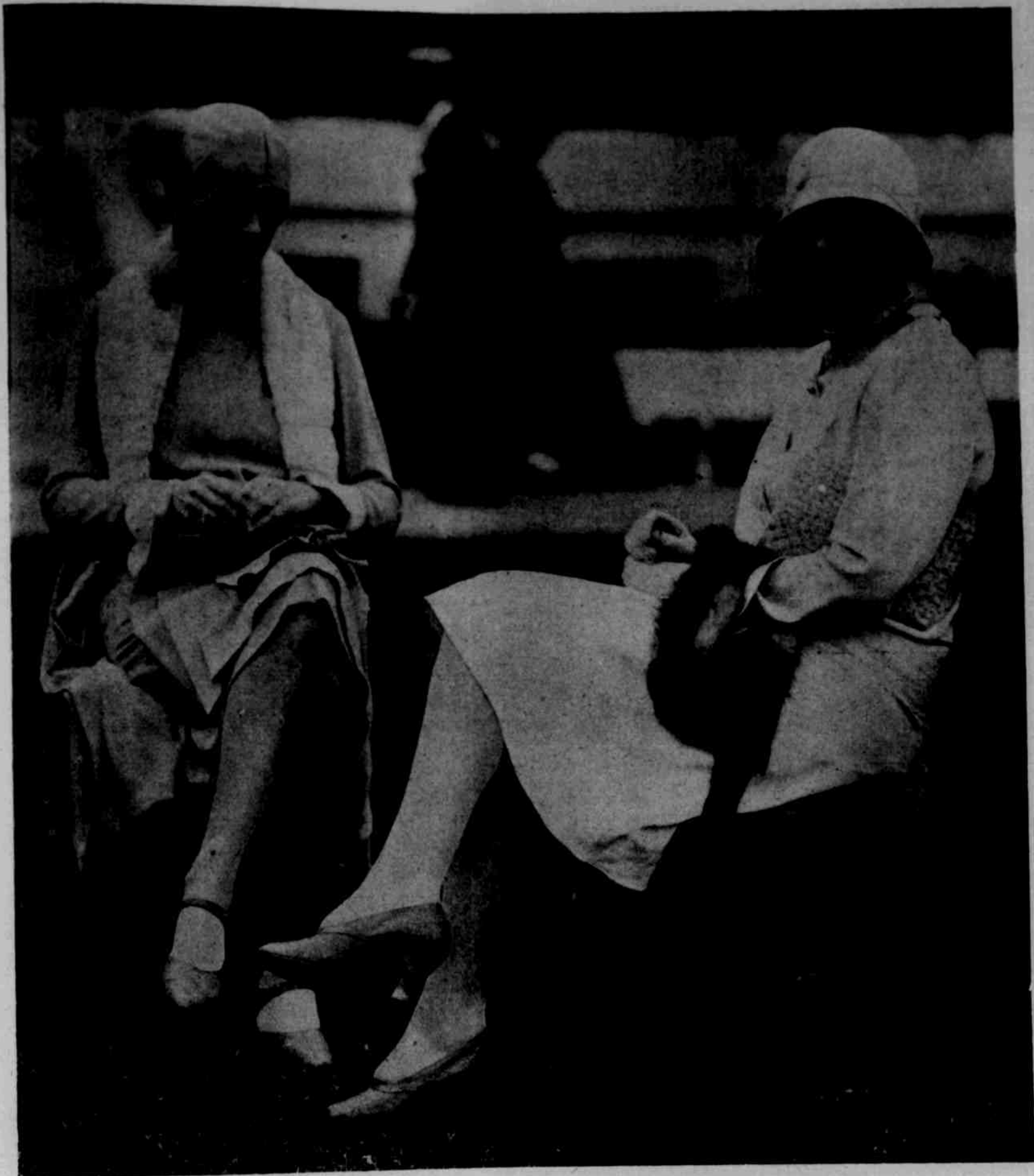
IV — Entre os seus livros, quaes os que prefere? Por que?

— "Se ha livros que não releio, são os meus, e não os releio para evitar a contrariedade de reconhecer-lhes senões na maioria das paginas, o que me tem levado a supprimir grande numero de composições ou a modificar outras inteiramente, emendando-as... talvez para peior. Nestas condições, não sei qual de meus livros prefira, talvez o ultimo, por estar mais proximo do meu actual modo de vêr."

V — Como trabalha ordinariamente? De dia? De noite? Que papel, que tinta prefere? Satisfaz-lhe a primeira elaboração do trabalho?

— "Escrevo quasi sempre á noite e melhor quando esta mais alta e socegada. Reconheço, entretanto, o mal que dahi me vem á saude com este habito que já agora é tarde para ser emendado."

J. A. Baptista Junior.

Nota: — Vide, "Uma enquête literaria", "Para todos" de 4, 11, 18, 25 de Agosto e 1 de Setembro, respostas dos Srs. Augusto de Lima, Medeiros e Albuquerque, Menotti del Picchia, Luiz Carlos, João Ribeiro. No proximo numero, a resposta do Sr. Conde de Affonso Celso, da Academia de Letras. — B. J.

NO HIPPODROMO BRASILEIRO

As corridas de domingo no Jockey Club foram as corridas mais bonitas deste anno de Nosso Senhor. Toda a elegancia carioca esteve lá, como estava no grill-room do Copacabana Palace antes da policia achar que o Casino ao lado era um perigo social. O movimento da casa das apostas do Jockey subiu no domingo a 743:770$000.

O GRANDE PREMIO JOCKEY CLUB

S. Ex. acompanhado da Exma. Sra. Washington Luis chega ao Hippodromo Brasileiro, sendo recebido por toda a directoria do Jockey Club.

Aspectos da elegante assistencia que enchia o prado da Gavea.

PALPITES OU TUYAUX

Estão todos de mãos postas... mas é para applaudir...

DOMINGO NO RETIRO DOS ARTISTAS

A Casa dos Artistas levou, domingo, a Jacarépaguá, o Dr. Mello Mattos, Juiz de Menores, o Dr. Gilberto de Andrade, Chefe da Censura Theatral, o intendente Vieira de Moura, jornalistas e artistas estrangeiros e nacionaes. Almoçaram lá. E foi um dia de festa para as velhinhas e os velhinhos do Retiro. Leopoldo Fróes contou coisas engraçadas. O Dr. Gomes Cardim recordou o Theatro da Natureza, apezar de ser dia de sol. E com a alegria da ida voltaram todos : : de tarde e de omnibus. : :

Historia sentimental

Era uma vez uma cidade muito bonita. Bonita mesmo! Tinha montanhas hirsutas de vegetação, tinha praias que se esforçavam em ser originaes, enseadas que se abriam em gargalhadas de sol, tinha palmeiras onde canta o sabiá... Tinha tambem casas bonitas, muito pittorescamente desiguaes, desarrumadas pelas ruas e morros numa esthetica de presepio. E automoveis tambem. E omnibus. Quantos. Tinha tambem gente...

Pois é, eu tinha esquecido da gente!

— Aliás é natural. A gente móra nas casas, as casas se escondem atrás das palmeiras, em cima dos morros, entre as arvores das praias — e nós temos de ver primeiro tudo isso que é maior e mais visivel... De resto, a unica attitude numa cidade como aquella, era ver as praias, as montanhas, as palmeiras, o céo irrevogavelmente azul, e por fim os edificios, e — em ultimo caso — a população que vivia no meio daquillo tudo na desproporção esmagadora de minusculas "marionettes" movendo-se num grandioso "décor" de "feérie"...

Era uma gente desigual e mal construida como as casas da cidade, cada um tinha tido o direito de escolher arbitrariamente a sua côr, e aspecto livre de posturas eugenicas... Havia gente de cimento armado e gente de telha vã... Fachadas caiadas e outras côr de tijolo... Mas a maioria era rez-do-chão, de um só pavimento para o commercio ligeiro...

Mas coitados! elles não tinham culpa. P'ra que é que Deus faz gente assim! Tambem tinham o direito de viver, como nós, tambem tinham a ambição de divertir-se e de crear casas de diversões.

A gente mais bonita — tambem havia gente bonita — mais elegante e mais rica, reunia-se diariamente, isto é, nocturnamente, em um amplo palacio muito luxuoso e moderno, onde se entregava aos innocentes prazeres da dansa, de Lucullo e do jogo.

E pensavam que eram felizes assim — pensar já é muito — quando certos jornalistas resolveram, por uma questão de ordem economica, instaurar uma campanha contra o scintillante palacio, baseados em certos dispositivos legaes bolorentos que prohibiam o jogo.

Esses jornalistas, como "azes" da opinião publica — como vae bem aqui este termo "az!" — empenharam-se nessa partida com todos os trunfos na mão e ganharam-n'a ruidosamente.

Fechou-se o fulgente palacio. Os jornaes regosijaram-se deante da reconciliação da cidade com a sã moral.

Correu o tempo, e a moral resguardada começou a produzir os seus fructos.

Pouco a pouco se foi creando e desenvolvendo na linda cidade essa inquietadora atmosphera de tédio que é o clima da moral. Todo o mundo bem comsigo mesmo e com os outros não dá o que falar nem tem de quem falar. Inventar dá trabalho.

Inventaram. Mas cansaram-se. Estavam todos entediados e cansados. Os cinemas já não tinham interesse, talvez ainda os interesses peculiares á escuridão... Os theatros iam numa decadencia de fazer chorar. Ninguem estava disposto a ficar sentado duas horas para sentir calor e ouvir o tripudio da "claque"... As companhias estrangeiras desertavam agora a triste cidade... O "turismo" que, por algum tempo fôra o sonho dos governantes e a esperança do commercio, passara a ir em busca de outras plagas onde houvesse divertimentos, onde o jazz-band vibrasse, onde o panno verde fosse uma bandeira sem outras cores misturadas, onde os vicios fossem tolerados e convidativos constando dos catalogos da agencia Cook, onde a oral occupasse o seu logar de ficção e fosse venerada porque não prejudicava a ninguem... Nunca mais um estrangeiro rico, desses que dão vida aos grandes centros, desembarcou na pobre capital que alguns jornalistas ainda apregoavam assolada por epidemias...

A cidade foi morrendo aos poucos. A gente rica desertou e foi procurar prazeres em Paris — e mesmo em Buenos Aires e até em Montevidéo. Só ficaram os pobres, os necessitados, comprando lentamente a sua carta de alforria.

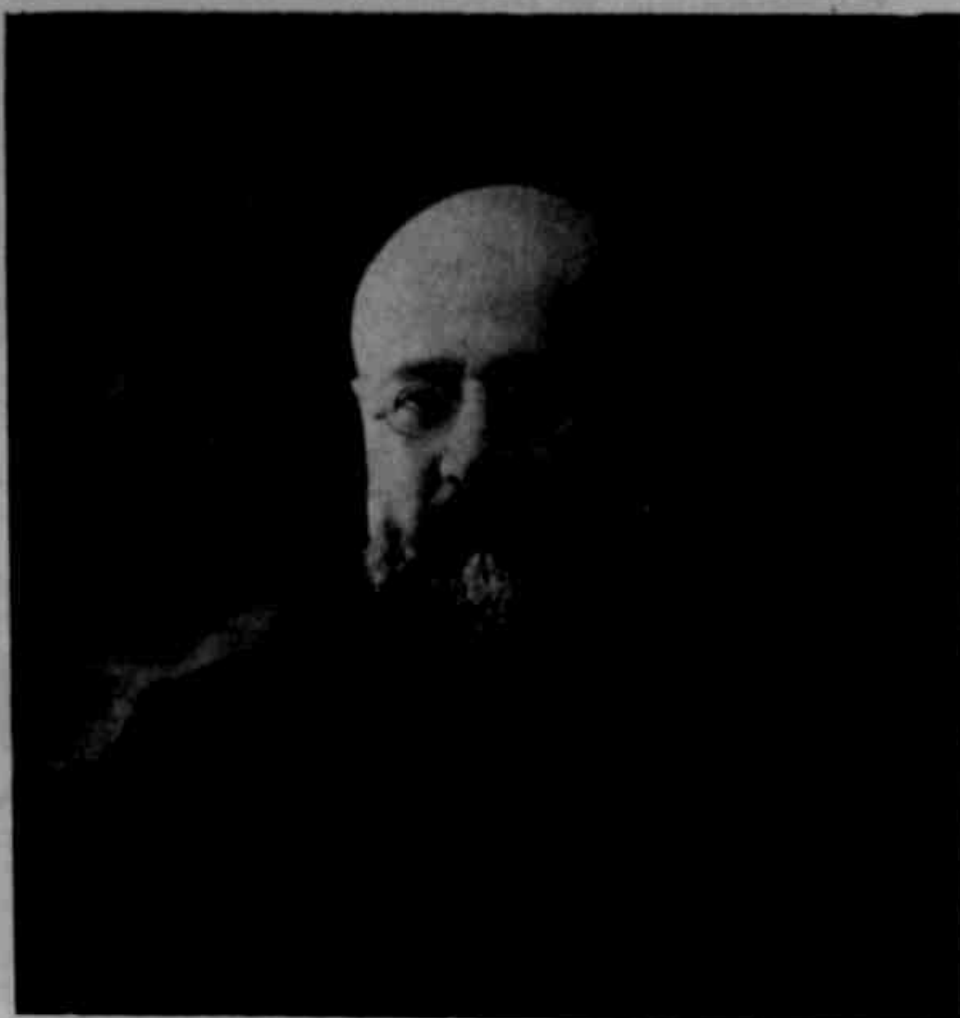
* * *

Eu passei por essa cidade uma noite. Eram só duas horas da madrugada. Fiquei tão triste! Parecia um theatro magnifico, todo illuminado, feericamente illuminado, vasio de espectadores, com uma "claque" allucinada batendo palmas nas galerias...

E eu disse então a um companheiro de viagem, que se benzeu todo:

— Eu tenho um medo que o Rio de Janeiro um dia fique assim!...

LUIS CARLOS JUNIOR

Flores de Urania, festa no Assyrio em homenagem aos 8 Batutas e á Orchestra Andreoni, festa que foi organizada e dirigida pelo professor Alberto Escaris.

Monsenhor Jacob Nessimiam, eleito pelo episcopado armenio em synodo realizado ha pouco, para occupar a séde Archiepiscopal de Bagdad. Monsenhor Nessimiam, muito querido no Rio, onde viveu alguns annos, deixa grandes amigos aqui.

A UNIÃO, jornal patriotico - religioso, terminou assim uma nota sobre a eleição de Monsenhor Nessimiam:

"Sacerdote de raras virtudes e grande saber, habituado como os primeiros apostolos a ver de perto, diante da indifferença culposa do mundo, a inutil mas sangrenta fereza dos inimigos de Nosso Senhor, tendo até experimentado pessoalmente duras agonias, honrará S. Excia., aquelle solio episcopal, duplamente sagrado: — pela virtude de santos e pelo sangue de martyres."

Waldyr, filho do casal José C. Carvalho — Maria de Lacerda C. Carvalho. Tem cinco annos.

Em baixo: grupo de senhorinhas que venderam rosas em beneficio do culto de Santa Therezinha do Menino Jesus, sabbado passado, dia da Chuva de Rosas.

SERGIO, FILHO DO SENHOR OSCAR BRAUNE.

NAIR CECILIA, FILHA DO SENHOR ALVARO OTERO.

Creanças de São Paulo

CARLOS E VERA, FILHO E SOBRINHA DO SENHOR CARLOS A. DO AMARAL.

Photos Rosenfeld

ARREDORES DE CURITYBA

A néve no Sul

Na capital do Paraná

UMA VILLA GELADA

NA PRAÇA OZORIO

Vóvó Gloria era bonita.

Eu me lembro sempre della.

Minha Mãe era bonita.

Eu me lembro sempre della.

Lá na igreja do Rosario tinha uma Nossa Senhora com sete espadas no peito.

Era a imagem mais bonita lá da igreja do Rosario.

Eu me lembro sempre della.

Mas dona Maria Amelia, com quem aprendi a lêr, era feia com certeza.

Eu nunca me lembro della...

ALVARO MOREYRA

(Desenho de Di Cavalcanti)

UM NOME COM MUITAS DONAS

OUTRA BAILARINA TÓRTOLA VALENCIA

Não sei de mais tragica odysséa que essa do bravo Guilbaud perdido entre as brumas glaciaes do Polo Norte. Não sei de maior rasgo de generosidade, que o desse homem partindo em busca de Nobile e seus companheiros. Não sei de gesto mais altruistico e que mais seja merecedor de encomios.

Tudo quanto se escreva sobre o acto de desprendimento do Commandante Guilbaud será pouco. Não serão demasiados os elogios que se possam tecer em torno dessa epopéa. O panegyrico que ao seu nome se possa entoar jámais será bastante alto. Não creio que a humanidade de hoje tenha um poeta capaz de cantar essa Gloria — os Homeros morreram com a antiga Grecia!

Porque não é demais que se expliquem as cousas, que se esclareçam os factos. Quando esses heróes cujos nomes a Historia já gravou em letras d'ouro — Saccadura, Pinedo, Lindbergh, Ramon Franco, Nungesser, Saint-Romain, Bird, Nobile e tantos outros — tomaram de um avião e partiram nas suas azas para a conquista do desconhecido ou para a realisação de um novo feito jámais igualado, fizeram-n'o de moto proprio, espontaneamente, levados pelo desejo muito honroso, de servir suas patrias, ou pela ambição, muito louvavel, de cobrir de louros suas pessoas. Num ou noutro caso, entretanto, sempre tiveram, em mente, um fito — patria, sciencia, gloria.

Guilbaud, esse, partiu por humanitarismo.. Não lhe dictou o gesto a razão e sim o coração!

Partiu para salvar os que a morte ameaçava. Não hesitou um momento em arriscar a vida — não por amigos, nem siquer por compatriotas. Fel-o por homens de outros paizes — dahi maior o seu valor.

Vive ainda? Morreu?

O Polo Norte guarda avaramente o seu segredo!

O commandante aviador Guilbaud quando partia em busca de Amundsen.

De Paris

O. MAIA

Photos Meurisse

Um numero extra da Conferencia Parlamentar Internacional do Commercio.

Das festas offerecidas aos delegados ao Congresso Interparlamentar do Commercio foi, sem duvida, a mais linda, essa que teve logar no pequeno bosque que fica á esquerda da aléa central do parque de Versailles.

E' a gruta de Apollo. Ao alto, do fundo negro formado pelas rochas, destaca-se o grupo, em granito, do Deus do Olympo e sua côrte.

No plano inferior, cercado pelas aguas, que lhes reflectem os corpos graciosos, artistas da Opera Comica e da Comedia Franceza, dansam.

E', primeiro, a reproducção de um bailado do "Temps des Marquises". E' a evocação da Pompadour. Marquezas nas suas "robes a paniers", muito amplas, muito cheias de fôfos, onde as pequeninas flores, tão do gosto da "Grande Favorita", dão um encanto e graça incomparaveis,

(Conclue no fim da revista)

"Mãe Preta", de Magalhães Corrêa, que obteve o "Premio da Cidade".

De Bellas Artes

"Retrato", de Candido Portinari, que obteve o "Premio de Viagem".

O SALÃO DE BELLAS ARTES

O Conselho Superior de Bellas Artes approvou, em sua reunião de 28 de Agosto, e homologou juntamente com a concessão do premio de viagem ao pintor Candido Portinari e do "premio da cidade" (15:000$000), ao esculptor Magalhães Corrêa, os actos dos jurys das diversas secções do "Salão" deste anno, premiando os seguintes expositores:

Pintura — Peq. medalha de ouro: Theodoro Braga e A. Alves Cardoso.

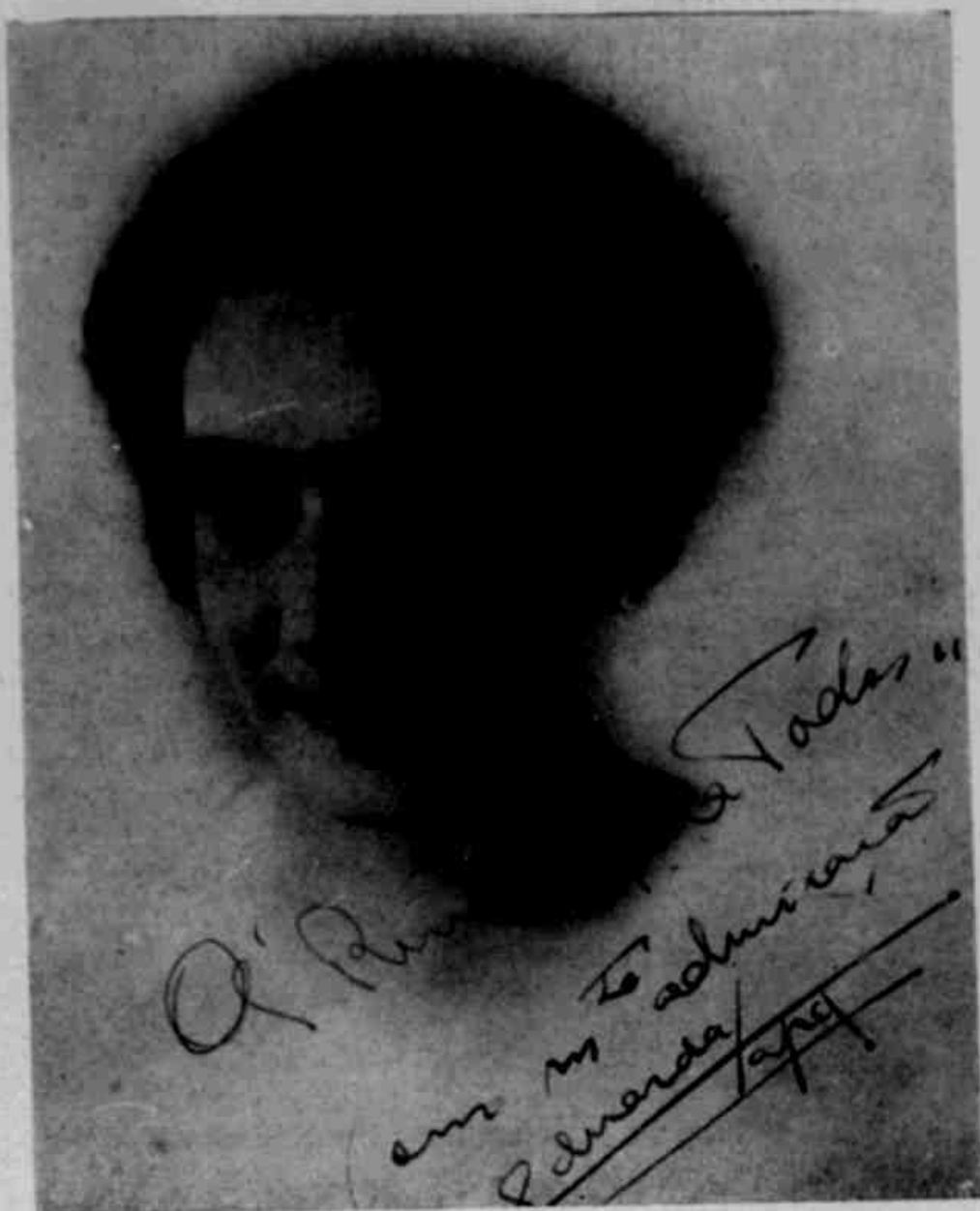
Grande medalha de prata: Paulo Gagarin e Ivonne Visconti.

Peq. medalha de prata: Franzi Wilfer Horst, Jordão de Oliveira, Francisco de Azevedo Leão, Genesco Murta, Suzanna Mesquita e Nelson G. Netto.

Medalha de bronze: Grace Adelaide West, Paulo Rossi, Schrader Volger, Lupercio Ferraz, João Zacco Paraná, Louise Visconti, Celso Kelly e J. Migueis.

Menção honrosa de 1º gráo: Nicoláo del Negri, Archimedes Dutra, José Jardim de Araujo, Natale Parisi, J. Seulinger Fleury, Elaine Dancean, Luiz Abreu, Rosalvo Simões, Aldo Bonadei, Francinet Alves e Roberto Rodrigues.

Menção honrosa de 2º gráo: Alvaro de Almeida, Orlando Tarquinio, Yolanda Torres, João Fernandes e Renato Mounier.

Premio de animação — 1:000$: Manoel Constantino e Orlando Teruz: 500$: Cesar Turati e Francisco Manna.

A pintora Eduarda Lapa, que dentro de poucos dias realizará a sua mostra na "Galeria Jorge" — "Le chat siamois", do pintor Boulet.

Premio "Zeferino de Oliveira" — 1:000$ — Cadmo Fausto.

Premio "Illustração Brasileira" — 1:000$ — Vicente Leite.

Premio "Galeria Jorge" — 500$ — Nelson Netto.

Premio "Minerva" — 500$ — Mario Nunes.

Esculptura — Peq. medalha de ouro: Modestino Kanto, Zacco Paraná e Benter Bogdanoff.

Peq. medalha de prata: Umberto Cozzo.

Premio de animação — 1:000$ — Armando Braga; 500$: Paulo Mazzuchelli.

Premio "Zeferino de Oliveira" — 1:000$ — Yáyá Castro.

Gravuras de medalhas e pedras preciosas — "Grande medalha de prata": Calmon Barreto. Medalha de bronze: Lucilia Ferreira. Menção honrosa do 2° gráo: Adolpho Hungerbutkler.

Premios de animação: "Zeferino de Oliveira" — 1:000$: Francisco Gomes Marinho; 500$: Calmon Barreto.

Architectura — "Medalha de bronze": Antonino Virzi.

O nosso companheiro Adalberto Mattos lendo, na sala A., o seu magnifico estudo de conferencias da E. N. B. sobre Zeferino da Costa, no dia 30 de Agosto p. passado.

Menção honrosa 2° gráo: Mario Fertin de Vasconcellos e Paulo Candiota.

Premios de animação—1:000$: Elisiario Bahiana.

Premio "Zeferino de Oliveira" — 1:000$: Roberto Magno de Carvalho.

Gravura e lithographia — Menção honrosa do 2° gráo: Mario Doglio.

■

Premio Illustração Brasileira— Ao joven cearense Vicente Leite coube o premio "Illustração Brasileira", instituido pela Sociedade Anonyma "O Malho". Vicente Leite, sem favor, é uma das grandes esperanças artisticas do Ceará; discipulo de R. Chambelland, Lucilio de Albuquerque e Baptista da Costa, o moço artista tem sabido honrar a sua terra natal. Paysagista de sentimento, tem proporcionado aos amadores das cousas de Arte varias opportunidades de prazer espiritual pelas obras que tem sahido da sua palheta.

Norka Rouskaya

Duas poses da artista

Norka Rouskaya fixou-se no Brasil, attrahida pela pureza da luz tropical, pelo seu brilho.

O calor escaldante dos nossos verões chama para cá os europeus fatigados dos longos invernos, das nevadas monotonas das suas terras.

Norka esteve no Egypto, onde viveu intensamente, sob o céo morno das margens adormecidas do Nilo. Mas a terra dos Pharaós não satisfez a sua ansia de novas terras, e quiz ver outros mundos. O Brasil parecia-lhe um paiz de lenda, longinquo, colorido e sensual. E um dia, já ha alguns annos, aqui desembarcou.

Ao principio, foi um deslumbramento. Viveu um longo tempo como embriagada pelo sol, o calor, as côres, as cousas, a gente.

Pouco a pouco essa russa, que tanto tem de italiana, se deixou absorver pelo meio e conquistar pelo ambiente. Hoje é nossa, e nossa sem tentativa de evasão.

Ainda ha pouco, em Paris, offereceram-lhe um contracto vantajoso, "un pont d'or", para que lá ficasse a dansar no Mogador. Norka recusou. O Brasil não a deixava mais, nem era sua idéa deixar o Brasil.

O Brasil a empolgou.

Conhecedora profunda dos nossos meios artisticos e intellectuaes, acha que temos em casa elementos em abundancia, de cuja coordenação e disciplina nascerá, naturalmente, o theatro nacional. Si não temos tradições millenarias, possuimos uma infinidade de outros elementos, de cuja fusão sahirá, sem duvida, uma obra interessante. O theatro de Brinquedo, por exemplo, deu a medida do que somos capazes, revelando as nossas possibilidades.

Foi da observação diaria da vida brasileira que veiu a Norka a idéa de fundar uma companhia de theatro.

Ella será a animadora. Ella moderará a exuberancia dos seus companheiros. As suas revistas, em que collaborarão os nossos melhores artistas, serão a festa do rythmo e da côr. Do turbilhão de temperamentos irrequietos e contradictorios, ás vezes, em continuos choques, deve nascer a clara harmonia. Será o milagre de Norka — o milagre da eurithmia.

———

Fomos vel-a no Phenix, em pleno "brouhaha" de ensaio.

A revista de estréa era ainda uma vertiginosa nebulosa. Que trabalho de forçado esse de acordar temperamentos como os de Aracy Côrtes e Nelly Flor!

Perguntámos. Indagámos muito. Norka foi de uma paciencia meritoria.

— Não teme a má sorte que dizem ter o Phenix?

— Não creia nisso. Já estiveram aqui varias companhias que sahiram ricas. E, depois, eu desafio a má sorte. Todas nós somos fetiches.

Olhámos em redor. Era verdade: uma quantidade de bonecas de carne e osso, uma infinidade dellas — todas eram fetiches—fetiches contra a tristeza...

— A nossa idéa — disse Norka — vae pouco a pouco tomando fórma. Queremos fazer algo nunca visto. Não será a revista banal, em que o papel pintado domina, ao lado da nudez das artistas. Aliás não haverá nús. O titulo da revista é: "Semi núa".

Será chic, um regalo para os olhos e uma festa para a alma. Ha sketches engraçádissimos.

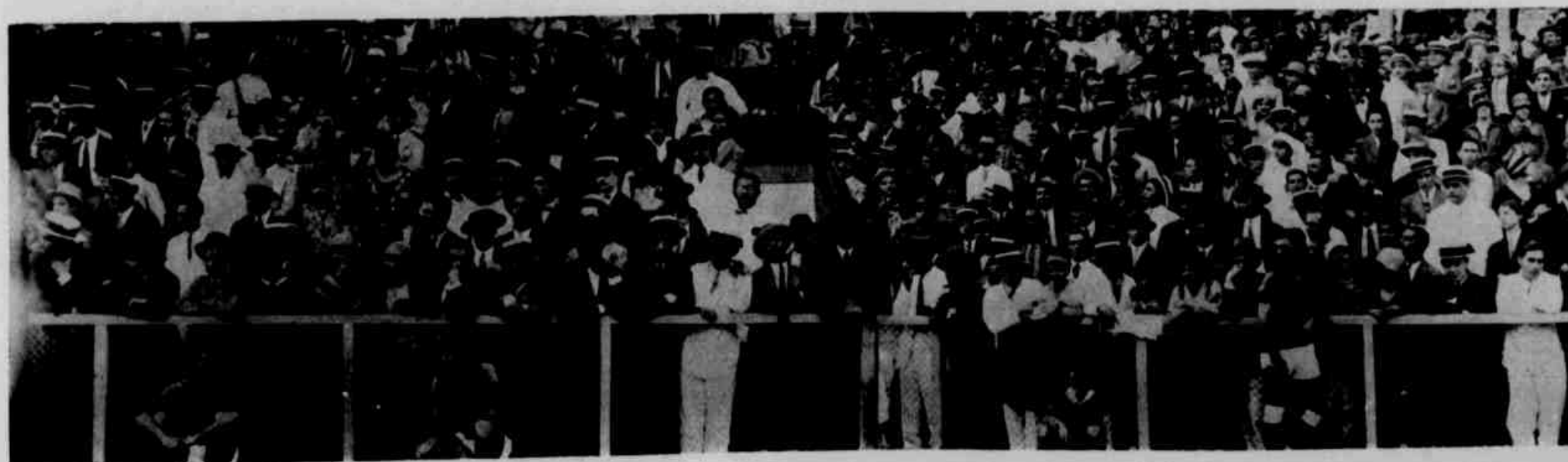
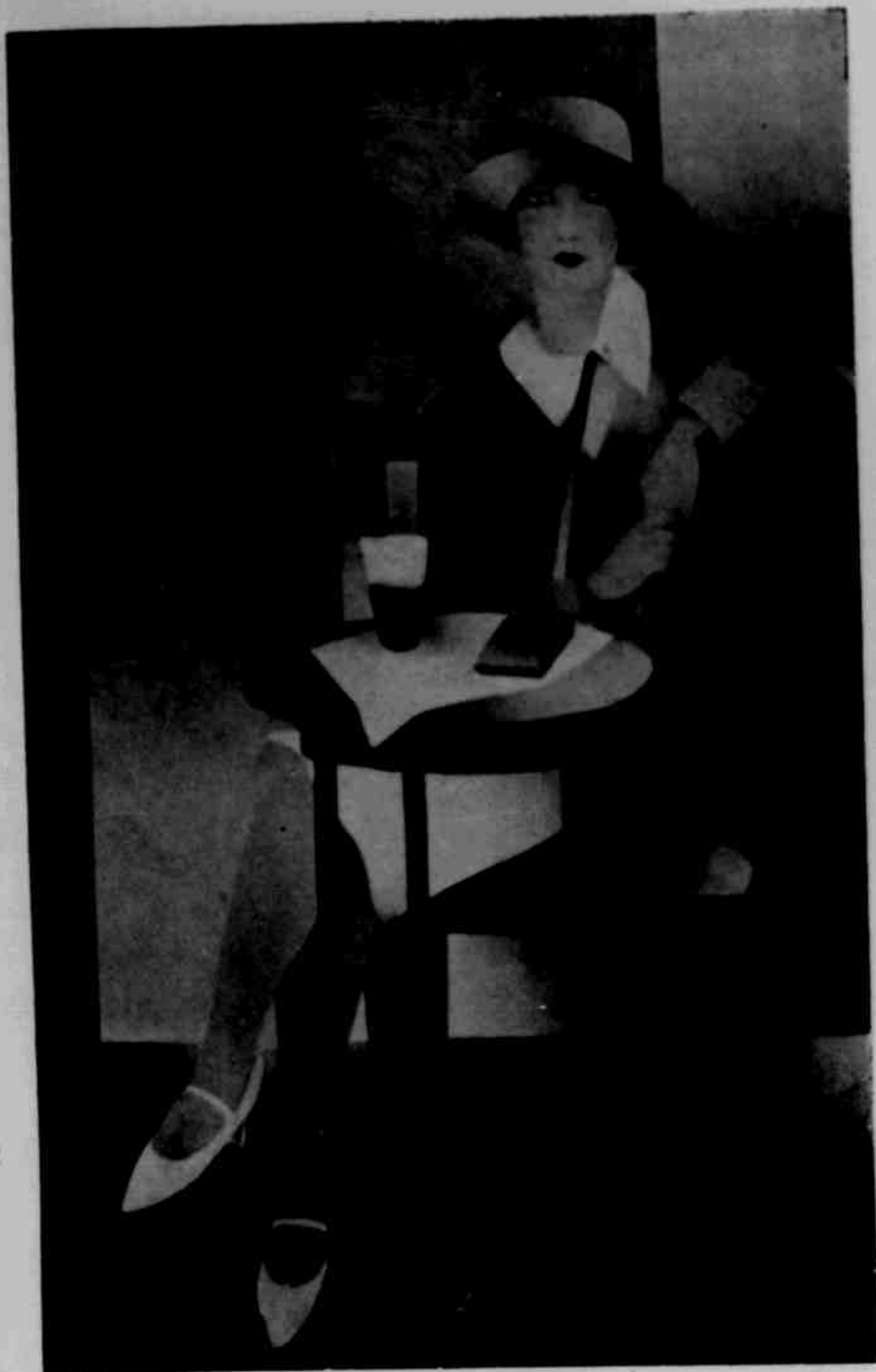
Não foi facil, creia, a elaboração do programma. Cada artista tem o seu genero. Trata-se de harmonizar tudo isso.

Estamos certos de apresentar uma revista, cujo nivel artistico é superior ao que se tem visto até agora aqui. Já em Paris se tem feito coisa muito interessante no genero: algo da opeta — a musica e o canto; muito da revista — a fantasia, a luz, o vestuario, o colorido, a féerie.

Emfim, brilhante e leve, que não satisfaça sómente aos olhos. E não fazemos sinão seguir o gosto do carioca, que merece melhor e mais do que se tem apresentado até agora.

Signal dos tempos, terminou Norka. — C.

CAMPEONATO CARIOCA DE FOOTBALL

Instantaneos do jogo returno entre o Flamengo e o São Christovão

Retrato da bailarina Grit Hegesa por Van Hanta

P a l a v r a s

—"Houve um tempo em que fui assim, murmurou o poeta, voltando para mim a entediada lassidão dos olhos sem brilho, houve um tempo em que as palavras agiam sobre mim como bebida espirituosa.

Exaltavam-me algumas, enlevavam-me outras, davam-me estas a sensação do calor ou do frio, aquellas inexplicavelmente me incutiam uma especie de mysterioso temor... Oh ! como senti o poder evocador das palavras, quão profundamente me escravisou o seu alliciador encantamento !... Eram os meus brinquedos predilectos... Abriam-me, sem que o quizesse, o mundo dos sonhos... perspectivas de infinito... A palavra crystal, por exemplo. Era ouvil-a de repente na conversa e uma sensação de transparencia todo me invadia... Crystal... crystal... que sonoridade luminosa !... Via, sem ver naturalmente, abrir-se no alto da penedia de gelo o abysmo azulado de um fjord... Numa nesga translucida da rocha, — a gruta de um conto de Andersen, — dois olhos transparentes como o crystal e como elle brilhantes e duros... A Rainha das Neves... trazia um manto de crystal... sorria-me...

E caçoleta ?...

A graça, a voluptuosidade, a envolvencia destas syllabas em meio tom... como as sentia !... Não se diria realmente um perfume a espiralarse em fumaça ?...

Se, por ventura, a encontrava num livro, todo o Oriente vinha a mim na ondulosidade de suas volutas aromaes. Era, ora um recanto piedoso de mesquita, ora a voluptuosa intimidade de um harem que, subitamente, se me desvendavam aos olhos deslumbrados...

Fui um enamorado das palavras... actuavam em mim como verdadeiros dynamos cerebraes... seduziam-me como se fossem mulheres.

Suggestionavam-me quadros inteiros, scenas de historia ou de romance, ou repercutiam em écos demorados nas profundezas de meu sêr... Certas havia que levava repetindo horas a fio, num frenesi de posse apaixonada.

A umas aspirava, a outras fazia tilintar, outras resoavam como notas de piano, rascando-me os nervos numa caricia exacerbante ou scintillavam sombriamente como granadas feridas de sol. Sentia-lhes o contacto aspero ou macio. Já não luzem, hoje, nem cheiram, nem sôam...

Apagaram-se e emmudeceram. Gastou-as o tempo ou esbateu-as na vulgaridade. Já posso ouvir, sem um estremecimento de toda a alma a palavra "bergantim" tão enfunada outr'ora de brisas marinhas e de vento do largo, já não me invade a nostalgia de uma choça bucolica á sombra de faias ou de olmeiros quando ouço por acaso falar em "toutinegra" e não tenho mais por "berylo" o estranho transporte que a revestia para mim da rutilante dalmatica byzantina de uma inaccessivel "Princessa Lointaine"...

As palavras, com os annos, ficaram reduzidas simplesmente ao que são. Perderam a magia do seu condão transfigurador. Foram ellas que mudaram ou fui eu ?... Não me inspiram mais agora senão cansaço e enfaro.

Sou como Sully Prud'homme:

"Je suis las des mots, je suis las d'entendre
Ce qui peut mentir..."

— Mentiram-lhe, então, as palavras ?

— Sim; todas as que me diziam: espera... Mas a que entre todas me mentiu, a que mais dolorosamente me enganou e me torturou foi a que, um dia, pronunciou uma bocca de mulher que, sorrindo, me respondeu: sim..."

MARIA EUGENIA CELSO.

LELITA ROSA

DO CINEMA BRASILEIRO

Artistas de "Barro humano"

Maria, Stella, Carmen, Gina, Lelita, Gracia

NA PONTA DA ÉCHARPE

Margarida

MARGARIDA

UMA GRANDE ARTISTA DO THEATRO LYRICO

SENHORA GABRIELLA BESANZONI LAGE

Nasceu na Italia, mas é hoje do Brasil.

D E E L E G A N C I A

Sabbado é o dia de maior concorrencia á cidade. E essa, porque é maior, é um tanto... burgueza. Muita mistura. Entretanto, como a carioca elegante não póde deixar de sahir diariamente, tambem se envolve no turbilhão de almas que os trens e bondes despejam no coração da cidade. Divertido, divertidissimo, não resta duvida.

O ultimo sabbado, então, esteve, além de concorrido, quente. Dia de pleno verão. Desde Nicolas — onde fui apreciar retratos lindissimos, até Ouvidor, o vae-vem se multiplica. Gente que passa. Um mundo diverso em cada corpo, uma alma diversa em cada homem. Fremitos de paixão, desejos realizados, portanto acalmados, outros ainda em espectativa, pequeninas maldades indispensaveis, fingimentos de bons gestos Sorriem todos, sorriem uns para os outros nesse descolorido simulacro de careta. Por toda a parte o proposito do "drible" e do avança. Ha o direito de preferencia, é verdade. Mas...

Mal e bem intencionada gente! Apinha a rua e offerece ao observador optima comedia da actualidade, interessantissima pellicula do momento.

Tudo isso estava eu a revolver, numa das esquinas da rua Sete, emquanto esperava o signal de transito. Na outra, em direcção contraria, uma das minhas amigas. Rejubilei. Nem sempre é bom estar só. A solidão é má conselheira. A minha amiga, vestida de crêpe estampado, morena e capitosa, livrou-me de divagações. E ainda mais me divertiu a originalidade das suas expressões. Ella

diz tudo com graça especialmente sua. Um tio do marido fôra empregado em um banco francez.

— Quanta gente, não ? Imagine, minha querida, o quê de "histoires" por ahi dispersas.

—"Histoires" ?

— Sim, namoricos, "quelque chose", recordações. Pequenas lembranças tepidas, macias, motivos que repousaram em custotosos "coussins"...

— A's vezes tambem baratos... Você está hoje de vista larga e douradas idéas.

— Não tenho motivos de me "desenchanter". Sabe do ultimo "potin" ?

— Diga.

— Comando que seja o milagre sem o santo.

— Então não tem graça.

— Tem-na. Pois você já viu um homem casado ser instado para noivar com uma moça solteira ?

— De "vaudeville" !

— Espie á direita. Nem de proposito. Lá vem ella...

Não tive tempo de vêl-a porque, do outro lado, quatro vestidos proprios para dias quentes (figuras 1, 2, 3 e 4). Lamentei, depois, o incidente.

— Nada perdeu, respondeu a minha amiga.

A' esquina de Ouvidor pára um bello "Stutz" e delle salta conhecido politico.

— Viuvo ?

— Foi durante alguns mezes. Agora é noivo.

— Tão depressa !

— Todos elles falam mal dos sagrados laços, mas suspiram por arranjar uma mulherzinha de quem cuidar.

Figuras 1, 2, 3 e 4

— Ou por quem ser cuidados ?
— Uma e outra cousa quando "elles" querem.
— E ellas ?
— Ellas...

Figura 6

— Stop. E' preferivel não commentar.

■

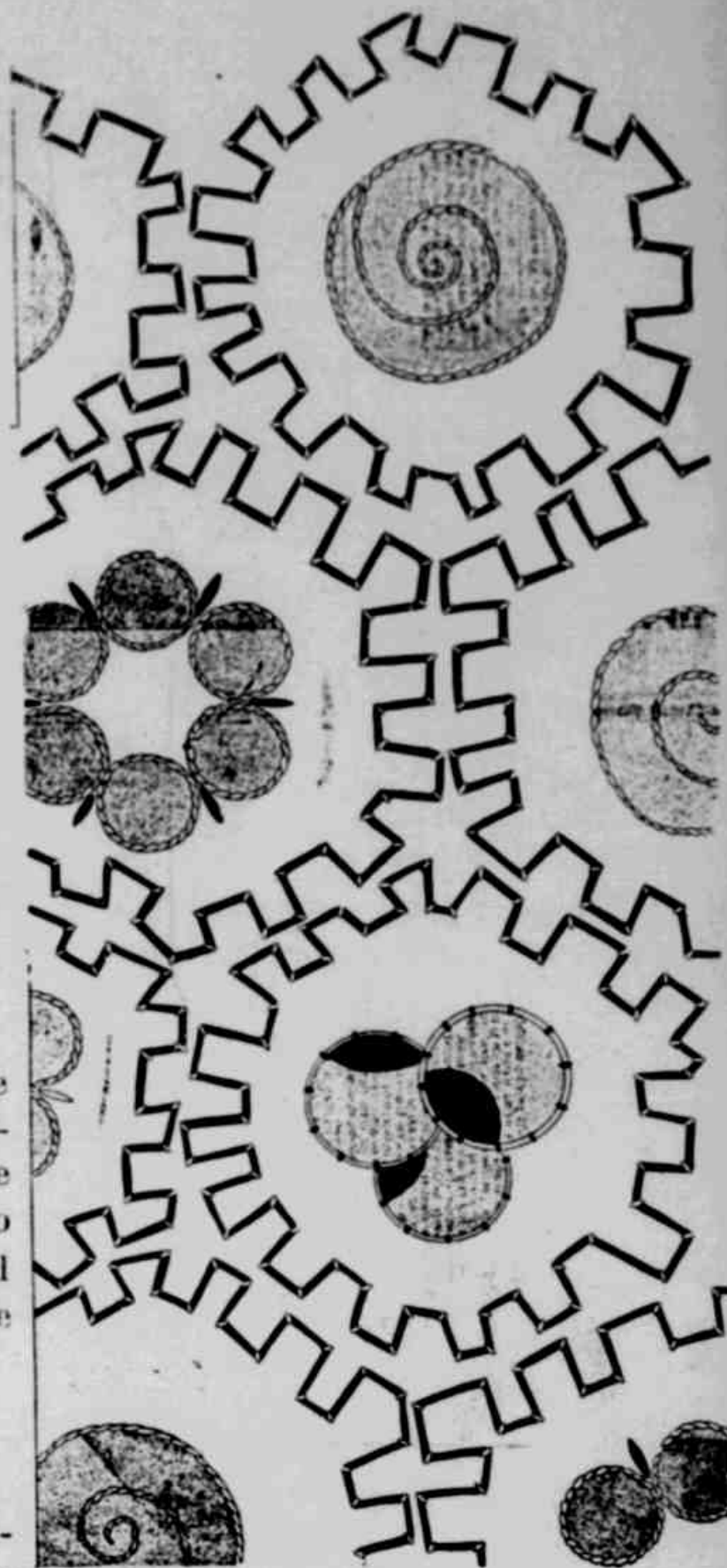
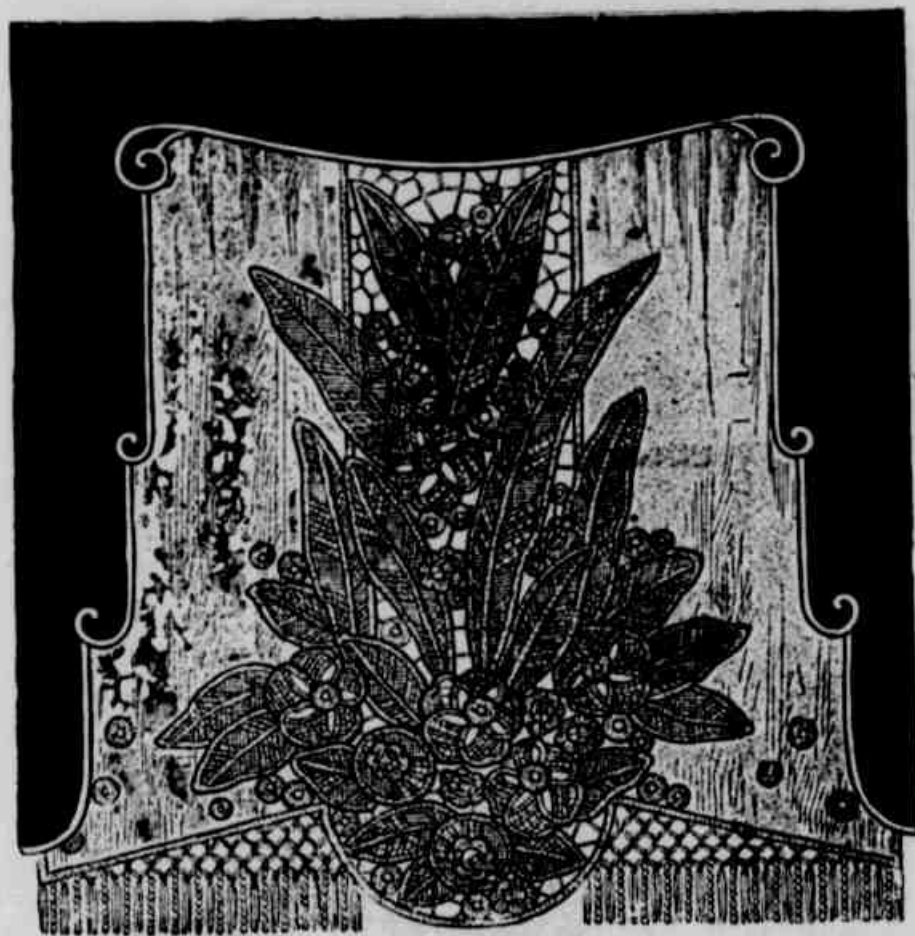
O "store" da figura 5 agradará sem duvida alguma. Folhas e flores gigantes, de "crochet", sobre tulle grosso ou rêde de filé. A franja foi publicada no "Para todos..." de 25 de Agosto ultimo.

Para guarnecer a cama turca da figura 6, o desenho interessantissimo da figura 7, imitando tecido de fantasia, pois que é bordado de linhas de tons variegados.

Figura 7

Figura 8: relogio, um vaso de flores, a mesa-cinzeiro... Delicioso canto de casa moderna e expressivo e muito curioso o contraste do ambiente actual com o avoengo marcador de tempo.

■

No proximo numero: elegancias nos salões de A. Dorét e os chapéos da "Casa Machado".

SORCIERE

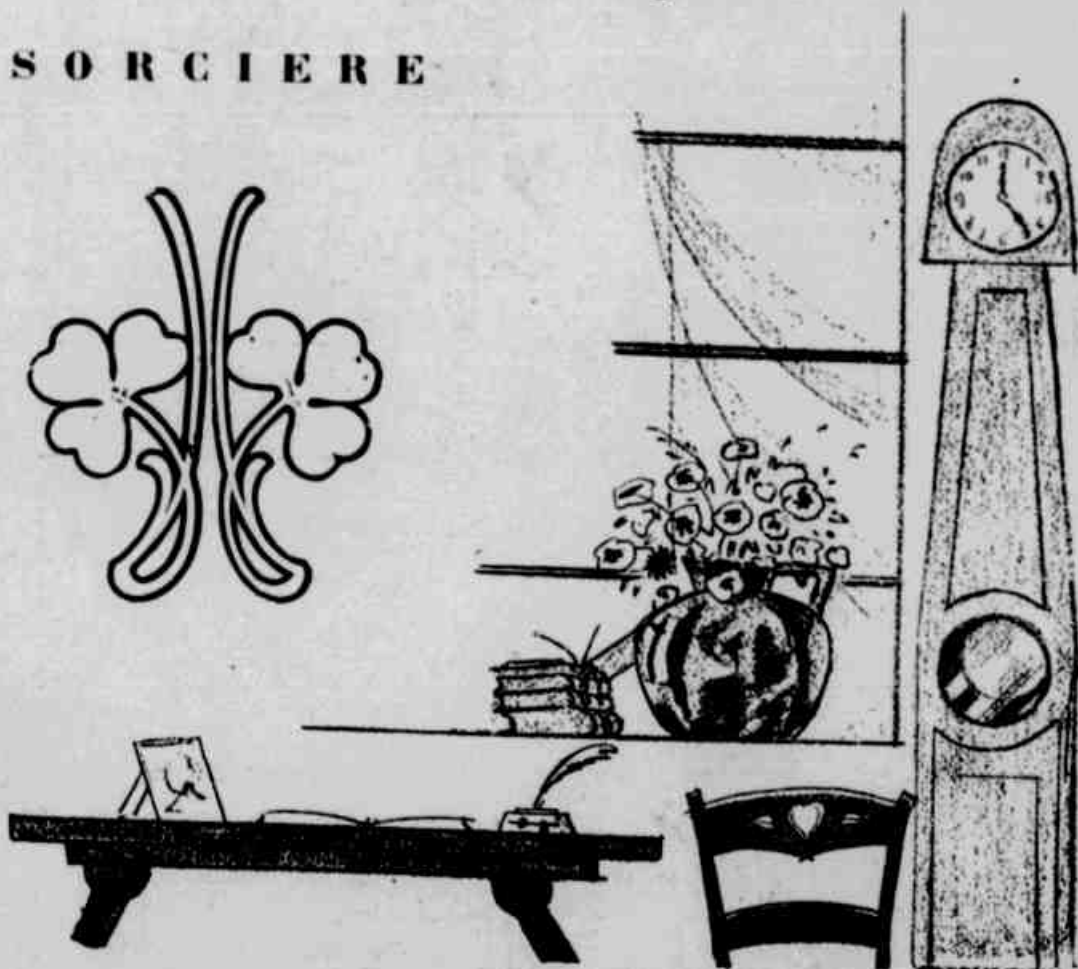



Figura 5

Figura 8

Madame é louca pela dansa; e só não se tornou carrapeta, porque nasceu mulher.

Entretanto, suppre a differença que existe entre ella e os piões, rodopiando, seja onde fôr.

Ha poucos dias, em companhia do marido, entrou ella num estabelecimento da rua do Ouvidor, onde se vendem victrolas; e justamente emquanto o casal esperava para ser servido, um empregado da casa, attendendo á solicitação de outro freguez, collocou em um dos apparelhos um disco recentete gravado.

Luiza Gullo — Gabriel Siciliano

Era um "charleston" dos taes que bolem com a alma da gente até quando se está dormindo... O resultado foi immediato: Madame esqueceu onde estava e, insensivelmente, poz-se a dansar, como si se encontrasse em alguma festa.

Dentro de poucos minutos a porta do estabelecimento estava repleta de curiosos, para desespero do marido de Madame que não gostou nada da brincadeira.

Tambem, que idéa !

H.

Não ha consideração ou receio que detenha a curiosidade da mulher.

Maria do Carmo Palhares — Dr. Creso Braga.

Carmen Lopes — Antonio Marques de Souza.

ENLACES

Eunice Lacerda de Albuquerque — Antonio Soares Branquinho.

Leonie Rebello da Motta — Waldemiro Silveira.

DE MUSICA

Em uma de nossas ultimas chronicas, tivemos occasião de fazer referencias ao nosso meio artistico, ás suas deficiencias e aos que, apezar de tudo, não desanimam de levar por deante a sua missão educadora, contribuindo com o seu esforço, para a nossa evolução musical. Essas considerações vieram a proposito de uma interessantissima audição de alumnos de Nicia Silva e voltaram-nos á penna, agora, depois da audição de alumnos de Francisco Chiaffitelli, que é um dos batalhadores mais denodados com que conta o nosso meio musical. Chiaffitelli, que muito justamente desfructa as glorias de ser um dos mais notaveis violinistas brasileiros, não é apenas um dos nossos maiores professores, porque é tambem um espirito cheio de iniciativas e um grande animador, para quem a indifferença do meio não desencoraja nem desillude. Agora mesmo acaba elle de offerecer ao publico o regalo de uma audição de alumnos, que valeu por um concerto de primeira ordem e que, por isso mesmo, decorreu entre os mais espontaneos e merecidos applausos.

E' essa audição que ora aqui registramos e cujo programma esteve assim organizado: 1ª Parte: Rode, 1° tempo do 1° Concerto, pela menina Ilka Notari; Haendel, Sonata em lá maior, pela senhorita Clecia Rangel, Guiraud, Primeiro movimento do Capricho, pela menina Itala Moraes Silva; Veracini, Sonata em mi menor, pela senhorita Cybele da Silva Pinto; Sain Saens, Concertstuck, pela senhorita Silvina Lima Afflalo; 2ª Parte: Corelli, La folia, pela senhorita Clara Cock Torres; Passacaglia, de Sammartini, pela senhorita Flordalisa Lucadello Guimarães; Preludio e Allegro, de Pugnani, pela senhorita Annita França Americano; 1° Movimento do Concerto em fá, de Calo, pelo senhor Carlos Noli Filho e 1° Movimento do Concerto em mi, de Vieuxtemps, pelo senhor Carlos de Almeida. A terceira parte, que foi, sem duvida, a nota predominante do programma, constou do Concerto para quatro violinos e orchestra de cordas, de A. Vivaldi. Nelle, além dos alumnos apresentados nas duas primeiras partes, figuraram mais as senhoritas Glorita França, Mimira Veiga e Arethuza Santos, tendo prestado o seu concurso as senhoritas Altair Noronha e Nydia Soledade, violoncellistas, senhor Francisco Santos, contrabaixo e senhorita Nadir Soledade, pianista.

Que a execução desse programma agradou em cheio, provaram-no os applausos, calorosos por vezes, com que o publico ia premiando os respectivos interpretes e ao seu mestre, Chiafitelli, que foi, no fim, de contas, o maior victorioso daquella tarde admiravel.

■

Tivemos mais um exercicio pratico do Instituto, para audição de alumnos das classes de piano, canto, violino, flauta e trompa, dos professores Henrique Oswaldo, Pedro de Assis, Carlos de Carvalho, Barroso Netto, Paulina D'Ambrosio, Guilherme Fontainha, Alcina Navarro de Andrade, Humberto Milano, Rodolpho Pfefferkorn e Nicia Silva. Tomaram parte no programma os alumnos. Maria Altair Gomes de Souza, Hildebrando Alves de Abreu, Luiza Sampaio Lacerda, Marina Pinto Galvão, Maria Carlota Goulart de Oliveira, Edgar Santos, Maria da Cruz Rangel, Alayde de Miranda Fortes, João Sampaio Brandão, Emygdio de Castro e Silva, Newton Corrêa Ramalho, Marcos Bensasquen, Zelia de Almeida e Souza e Jacy da Silva Godolphim.

Tapajós Gomes.

A reserva da energia

TODO aquelle que deseje salientar-se nos sports deve comer alimentos simples, productores de energia e vitalidade. A natureza offerece em Quaker Oats o alimento mais appropriado para os athletas.

Quaker Oats é feito com a parte mais nutritiva da melhor aveia branca e, por isso, este famoso alimento, suppre ao corpo abundantes vitaminas, carbo-hydratos e saes mineraes, os elementos essenciaes para uma perfeita nutrição. Quaker Oats é um bom alimento para as crianças, os adultos, os doentes e os que gozam de saude.

É delicioso, facil de preparar e economico. Sirva Quaker Oats diariamente.

Quaker Oats

1279

ASTRÉA MAIA (Rio) — Tenha a bondade de escrever novamente, pois não me recordo de ter recebido a carta de que fala.

Quanto a não demorar muito em responder, farei o possivel para attendel-a; mas as cartas são tantas a me encher a gaveta...

ROBEY — Nada tem que agradecer. As poesias enviadas serão, a seu tempo, publicadas.

RONALD DE AZER (Rio) — Creio que já lhe respondi qualquer cousa. Procure a collecção do *Para todos...* Si o não fiz, aguarde a opportunidade, ou a vez de ser attendido.

FILHA DE ARAKEN (Gravatahy) — Vou fazer o possivel de lhe remetter o exemplar do *Para todos...* em que o velho Graphologo fizer o estudo da sua letra. Tomei nota do seu endereço no meu caderno.

BAIRRISTA (B. Horizonte) — Sua *Triste elegia*, apesar de muito triste mesmo, será opportunamente publicada.

JURACY JUSSARA' — O collega J. Carlos manda agradecer a collaboração que mandou e será publicada a seu tempo.

MARQUEZ DE ITU' — O estudo que pede está sendo feito e breve lhe será revelado.

EU MESMA — Não fique tão zanga la assim, sem razão!... Mande dizer o pseudonymo com que assignou a carta que escreveu afim de se verificar si houve extravio ou si foi recebida. Mude de opinião a nosso respeito.

Quer "tocar de bem? Vá lá! Toque e acabou-se o zanga.

IDA (São Paulo) — Acha, então, que o velho graphologo é "um homem perigoso", porque lê tanta cousa na letra dos outros?... Sua carta lhe foi entregue e elle quando a viu teve logo um amavel sorriso de bom agouro. Espere, pois, que elle se manifeste a respeito.

LINDOYA (Rio) — Muito interessante sua collaboração que foi entregue ao nosso presado director, como me pediu. Continue que será sempre recebida com as honras que merece e de coração aberto.

HORACIO DE ALBE (Victoria) — Recebida sua carta que foi entregue ao redactor competente. Aguarde o resultado do que solicita.

LUCY (Rua José Vicente) — Já lhe foi dita qualquer cousa pela *Caixa d'O Malho*, a respeito da carta que nos mandou, assim como o mesmo recado se estende a Julinha e a Laura.

VIOLETA ROXA (Olinda) — Aguarde a solução do pedido que nos faz na sua ultima cartinha. Só poderá ser favoravel.

ZILDA BASTOS (Rio) — Recebidos os trabalhos a que se refere. Quanto á photographia continuo a esperar na certeza que virá causar deslumbramento e não susto. O perigo que ha é que não cumpra a promessa feita de mandal-a.

Dei seu recado ao velho Graphologo que me disse que já havia feito o estudo pedido, o qual aguarda publicação. Como é triste a historia do Bébé...

JOSE' L. D. MENEZES (Franca) — Francamente, meu caro Menezes, não gostei do *Apostolo da caridade* porque compara o M. S. a Christo. Você não acha que é muito? Continue a escrever, mas se livre dessas comparações tão... arrojadas.

MAURICIO MAIA

Un Air Embaumé
RIGAUD. 16, Rue de la Paix. PARIS
E. CHARLES VAUTELET & Cie, Agents
20, RUA do MERCADO, 20
RIO-DE-JANEIRO

CLINICA MEDICA DO "PARA TODOS..."

INCOMPATIBILIDADE DO IODO COM O HYDROLATO DE LOURO CEREJA

Os formularios, quando affirmam que se não deve empregar a tintura de iodo, em companhia do hydrolato de louro cereja, adoptam um ponto de vista, por assim dizer, theorico, porquanto não assignalam uma incompatibilidade susceptivel de occasionar graves damnos, em clinica.

Si experimentalmente fizermos actuar o hydrolato de louro cereja, sobre a tintura de iodo, haverá um notavel desprendimento gazoso e formar-se-á um liquido de côr parda escurecida.

Será tudo isso a consequencia de um desdobramento operado com rapidez, sobre o acido cyanhydrico existente no hydrolato de louro cereja, bem como da formação de um composto iodado: o acido cyanhydrico se desdrobara em hydrogeneo e cyanogeneo, o qual, em contacto com o iodo, irá constituir o iodeto de cyanogeneo.

Em therapeutica, é evidente que nenhum clinico praticará o dispauterio de prescrever, na mesma formula, a tintura de iodo e o hydrolato de louro cereja; todavia é possivel, por inadvertencia da pessoa encarregada do tratamento, constatarmos o facto de receber um enfermo umas tantas gottas de tintura de iodo, existindo um pequeno espaço de tempo, em seguida á ingestão do hydrolato de louro cereja.

Tal inconveniente não terá, entretanto, funestas consequencias. Admittindo, de bom grado, que a ingestão do iodo, após o emprego do hydrolato de louro cereja, produza, no estomago, a mesma reacção que origina *in vitro*, deve ser banida a idéa de perigo, visto como a toxidez do iodeto de cyanogeneo é muito inferior á do acido cyanhydrico, normalmente encontrado no hydrolato de louro cereja.

CONSULTORIO

M. CLARA (Minas) — Seu regimen alimentar deve conter substancias fortes e ricas em phosphoro, — ovos quentes, miolos, ostras, ovas de peixe, etc. Deve usar, pela manhã, banhos mornos geraes e fazer, á tarde, moderados passeios a pé. Depois de cada refeição principal, tomará o "Forxol". Fará, por semana, 3 injecções intra-musculares com o "*Strychnarsitol Robin*". No momento de se recolher ao leito, usará "*Sedosine*", — duas vezes a medida que acompanha o vidro, n'uma chicara de infuso de melissa, simplesmente morno.

RUTH (Alfenas) — Adoptará um regimen alimentar especialissimo, fazendo exclusão de gorduras de assucar, de cerveja, de licores e de todas as bebidas muito adocicadas. Tambem se absterá de farinaceos e de massas alimenticias. Antes de cada refeição principal, tomará uma dragea de "Colloidine Lakeuf". No momento de se recolher ao leito, usará o "Lacteol", — ¼ de tubo, n'um pouco d'agua assucarada.

Z. I. N. A. (Sorocaba) — Internamente use: azul de methyleno 5 centigrs., urotropina 25 centigrs., salol 25 centigrs., — em uma capsula, vindo 14 iguaes, para tomar uma, antes de cada refeição principal. Externamente empregue o "Lybiol", em lavagens locaes, pela manhã e á noite. De tres em tres dias, substitua a lavagem nocturna, por um ovulo de ichthyol opiado, — applicação feita no momento de se recolher ao leito.

R. O. S. I. T. A. (Rio Preto) — Pela manhã e á noite, use um comprimido de medullina. Depois de cada refeição principal, tome um calice deste reconstituinte: gottas amargas de Beaumé 1 gr., tintura de genciana 5 grs., pyro-phosphato de ferro citro-ammoniacal 6 grs., phosphato mono-calcico gelatinoso 10 grs., extracto fluido de kola 15 grs., glycerina 30 grs., vinho de quina 700 grs. Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares, com o "Tonudol".

E. N. A. (Rio) — Ao que se nos afigura, não ha bronchite, e sim as consequencias, aliás, benignas, do resfriamento alludido. Use: bromoformio 15 gottas, terpina 50 centigrs., extracto fluido de capillaria 10 grs., tintura de drosera 4 grs., hydrolato de flores de laranjeira 20 grs., xarope de alcatrão 100 grs., xarope de tolu' 200 grs., — uma colher (das de sopa), de 4 em 4 horas.

A. P. C. (S. Rita) — Basta usar: aniodol interno 2 grs., tintura de cascarilha 3 grs. tintura de condurango 4 grs., xarope de hortelã 30 grs., magnesia fluida 1 vidro, — meio calice de tres em tres horas.

DR. DURVAL DE BRITO

RUAS

As confidencias de uma partida

(Conclusão)

de fogo, as ultimas, no definitivo morrer da tarde. Accendiam-se os fócos escandalosos da illuminação publica. Era noite.

E foi sósinho, no meio do povo, incomprehendido, ridiculo, afflicto, com uma dôr exasperante no fundo da alma, pela sensação de que a cidade querida, a cidade-mulher (como diz o outro, cujo nome Theotonio de Souza esqueceu) não me mandava nenhuma pessoa intelligente para receber a minha magua de homem que partia... Não parecia uma despedida: parecia uma expulsão.

A caminho da estação, a pé, todas as coisas deixadas atraz me produziam novas machucaduras. Só, só... Eu ia só... E como que deixava a cidade, infiel e voluvel, nos braços de outro, de outros que ella preferira...

■

UM ANDRADA

(Conclusão)

Fevereiro, 11. Dia do seu anniversario. No seu livro intimo, duas linhas molhadas em duas lagrimas:

"Anniversario? Mais parece enterro! Nunca soffri tanto!"

Vae descendo sobre o "Diario" celeste, espessada sombra de tristeza...

Vencendo difficuldades, acordando energias, a 4 de Março embarca para o Brasil.

Alto mar. Não tem noticias da Patria, pelas quaes ansiava. — "Ignoro tudo, tudo. Só não ignoro minha Zé, minha adorada Zé!"

Razão tinha quando affirmei que que Martim "disto" se não poderia separar. O carinho pela terra, nelle estava impregnado, como o aroma quente das canneleiras em flôr dentro da matta bravia..

Chegou ao Rio a 29 de Março. Repontam as esperanças que vacillam com um ataque de grippe. Convalescente, vae para Paineiras, bem visinho do Corcovado. No dia 14 de Abril assignala no "Diario" a sua ultima observação: "Mudei de quarto. Não de remedios e de molestia."

Logo em seguida, envia ao dr. João de Cerqueira Mendes um cartão postal:

— Molestia grave. Cura garantida. Como se elle enganava!

No dia 20, logo cedo, não se sente bem.

O dr. José Mariano Filho, hospede do mesmo hotel, desce, solicito, para vel-o. Applica injecções estimulantes. O organismo reage.

Martim, ao notavel cultivador das nossas lendas e tradições:

— Você tem relações no "Correio da Manhã"?

— Tenho.

— Faça então corrigir os versos latinos ha dias publicados.

Disse dois versos.

— Sabe de quem são?

— Sei. De Vergilio.

Mariano Filho continuou a estrophe. Martim ouvia, já sem poder falar. Sem uma unica convulsão morreu. Morreu onde e como deveria ter morido: nas alturas gloriosas da montanha e ao rythmo embalador da poesia eterna...

ARTHUR DE CERQUEIRA MENDES

■

DE PARIS

(Conclusão)

e marquezes, nos seus calções curtos, meias de seda, peitilhos rendados, casacas bordadas, desfilam, donairosos, e esboçam os primeiros passos de uma "pavane".

Depois, nymphas e faunos surgem, aqui e ali, por entre a verdura das trepadeiras e lianas. Os véos, muito leves, que lhes vestem, fazem volutas, levados pelas azas do zephyro. E' a evocação dessa Hellade famosa, toda de romantismo, fantasias e mythos. Ao som da flauta de Pan, o velho deus bonachão, amante das orgias, do vinho e do amor, dryades e satyros, dansam.

E emquanto os representantes de quarenta e duas nações, tão diversas nos seus usos e costumes, idiomas e mentalidades, applaudiam com calor o espectaculo maravilhoso que Versailles lhes offerecia, nós evocamos a imagem dessa que foi, nos modernos tempos, a mais pura e mais fiel das sacerdotisas da antiga arte grega — Isadora Duncan.

Paris, Julho de 1928.

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

MLLE. ROCHEDO (Rio) — Credulidade, candura, simplicidade, pouco cultivo intellectual. As linhas em serpentina denotam amor á mentira, impressionabilidade. Tem, pois, altas aspirações, ambição, espeperança e alegria reveladas na linha fortemente em ascenção da sua assignatura.

J. M. C. (Ribeirão Preto) — A letra que mandou para estudo é a de um emotivo, bastante impressionavel e algo inconstante...

Reservado, tendo pouco cultivo intellectual, é entretanto, bondoso de coração e talvez dissimulado.

Quer que devolva o original que mandou para o estudo? Póde ser que faça parte de um archivo ou collecção..

LUCY D'ALMEIDA (Rio) — Sua graphia revela desconfiança, contenção de espirito, dissimulação. Isso, entretanto não exclue alguma bondade cordial e generosidade.

Bastante nervosismo, anemia, fraqueza, estado de excitação pelo menos ao escrever as quatro linhas que me mandou.

Procure um medico, si não está mais calma. Cuide dos seus nervos quanto antes.

PERERÉCA (São Paulo) — Por que se julga assim tão má? Nem por isso... Noto-lhe um espirito fantasista, um pouco de egoismo nos traços sinistrogyros, prodigalidade e alguma dissimulação. Como vê, sou franco.

Ha, entretanto, delicadeza, gosto artistico. Acha pouco?

VIOLETTE (Porto Alegre) — Sua letra naquella cartinha verde — côr de esperança denota alegria, esperança, alma de artista, finura e bondade. Reservada e economica, tem amor á ordem e ao equilibrio fazendo com que seus actos sejam pautados sempre pelo mesmo criterio. Generosidade para com os fracos e vencidos. Gratidão.

CEZAR (Rio) — Os traços verticaes de sua calligraphia são signal de energia, reserva, frieza e o typo grande de letra é prova de imaginação, grandes aspirações, generosidade, orgulho. Por isso mesmo talvez seja aggressivo e de espirito critico e mordaz.

RUTH (Rio) — Inconstancia, hesitação, timidez, medo. Muita sensibilidade, emotividade, agitação. Traços de bondade natural. Reserva, modestia.

GABY (Rio) — Finalmente chegou o dia de lhe revelar o estudo que fiz de sua letra. Notei franqueza, energia, bondade, elegancia mental, gosto pelas artes, principalmente pela musica e poesia. O typo grande da letra demonstra imaginação vivaz, grandes aspirações, generosidade e um pouco de justificada orgulho, emquanto o traço rapido e ligado é signal de actividade psychica, cultura, enthusiasmo, precipitação, poder de assimilação e logica nas ideas. Procurei ainda o "mundo de defeitos" que, na sua carta, diz possuir e não os encontrei. Falhou a perspicacia do graphologo ou foi maior do que ella a modestia da distincta consulente...

Mlle LOURA (Rio) — Fraqueza, debilidade mental, pouco cultivo intellectual, depressão nervosa, fadiga, melancolia. Muita sensibilidade, ternura, susceptibilidade, hesitação, espirito indeciso que se revela no côrte dos tt á esquerda da haste destas letras.

NEGRA (Minas) — E' hoje o dia da resposta á sua consulta: notei ambição, coragem, alegria, tudo isto alliado á energia e á franqueza; vontade firme, um pouco de impaciencia, o que a leva a tomar resoluções precipitadas. Calma, Juvenal!...

GAÚCHO — Sua graphia revela equilibrio, moderação, reflexão, prudencia, reserva. A ligação das letras é um signal de deducção logica, actividade psychica, facilidade de assimilação, concatenação nas idéas. Esses caracteres são bons, como vê, e garantem, quasi as maiores probabilidades de exito na vida.

GRAPHOLOGO

CINEARTE-ALBUM

Está em organisação o numero de 1929

A mais luxuosa e artistica publicação annual cinematographica que se publica no Brasil.

EDIÇÕES ABSOLUTAMENTE ESGOTADAS EM CINCO ANNOS SEGUIDOS!

Disputadissimo por todas as pessoas de bom gosto, pelas centenas de retratos a cores que publica de "estrellas" e galãs notaveis de todos os paizes.

FAÇA DESDE JÁ O SEU PEDIDO: innumeras pessôas, nos annos anteriores, tiveram o dissabor de não poderem mais obter um exemplar do luxuosissimo

CINEARTE-ALBUM

esgotado poucos dias depois de posto á venda!

Remetta-nos o preço do exemplar — 9$000 — pelo correio, em dinheiro, em sellos para cartas, ou vale postal.

Sociedade Anonyma "O MALHO", Rua do Ouvidor, 164

Rio de Janeiro

Não basta lêr!

E' preciso lêr com proveito!

Procurae tirar algum proveito das vossas leituras, não vos deixando tentar por essa literatura de cordel, que apenas serve para envenenar o espirito.

As obras que se annunciam nesta pagina foram editadas com o pensamento de offerecer aos leitores novellas moraes, mas com lances de heroismo, com episodios fortes da vida real e da imaginativa, que deleitam grandemente.

Tres obras de enrêdo maravilhoso!

CADA UMA DESTAS OBRAS, EDITADAS EM ARTISTICOS FASCICULOS ILLUSTRADOS, PELA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO" CUSTA 3$000 NO RIO OU PELO CORREIO.

ELLA

"ELLA" é o titulo da mais suggestiva e maravilhosa novella do romancista inglez e que está traduzida em todas as linguas modernas. E' a historia de uma mulher satanica e linda, linda, que viveu muitos seculos á espera do amante que quando afinal chegou, foi por ella mesma assassinado...

ESSES FASCICULOS PODERÃO SER PEDIDOS, COM A REMESSA DE 3$000 PARA CADA LIVRO (6 FASCICULOS), EM DINHEIRO OU EM SELLOS DO CORREIO.

O Poder Mysterioso

Desta assombrosa novella de Hans Dominik, o mais popular romancista teuto, foram vendidos cerca de cem mil exemplares só na Allemanha, em dois mezes! Dizendo-se isto e que as scenas se consideram occorridas no anno de 1955, mais não é preciso accrescentar-se.

Brutos, Homens e Deuses

E' esta a historia do sovietismo feroz que implantou o terror na Russia. Livro formidavel, escripto pelo sociologo polonez Fernando Ossendowski, deve ser lido por todos os patriotas brasileiros.

Escreva hoje mesmo para

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

Rua do Ouvidor, 164
Rio de Janeiro

Officinas Graphicas d'O MALHO